



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

Laiany Farias Costa Leite

PERCEPÇÃO DA MULHER IDOSA SOBRE A SEXUALIDADE NA VELHICE:
uma revisão bibliográfica sistemática

Palmas – TO

2020

Laiany Farias Costa Leite
PERCEPÇÃO DA MULHER IDOSA SOBRE A SEXUALIDADE NA VELHICE:
uma revisão bibliográfica sistemática

Trabalho de conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito para obtenção do título de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof.^a Me. Muriel Correa Neves Rodrigues.

Laiany Farias Costa Leite
PERCEPÇÃO DA MULHER IDOSA SOBRE A SEXUALIDADE NA VELHICE:
uma revisão bibliográfica sistemática

Trabalho de conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito para obtenção do título de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof.^a Me. Muriel Correa Neves Rodrigues.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Muriel Correa Neves Rodrigues.

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Prof.^a Me. Rosângela Veloso de Freitas Morbeck

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Prof.^a Me. Lauriane dos Santos Moreira

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Palmas – TO

2020

RESUMO

LEITE, Laiany Farias Costa. **Percepção da mulher idosa sobre a sexualidade na velhice: Uma Revisão Bibliográfica Sistemática.** 2020. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2020.

O presente trabalho propõe a discussão da vivência da sexualidade na velhice, tendo em vista que o envelhecimento é fenômeno que vem chamando atenção na atualidade, e dentre os efeitos da velhice, a sexualidade tem sido uma dimensão de grande relevância nas discussões acadêmicas. Esta pesquisa objetivou a busca de estudos que pudessem levar à compreensão da percepção da mulher idosa a respeito da vivência da sexualidade na velhice. Além disso, os objetivos específicos tratam da investigação das concepções construídas por mulheres sobre vivência da sexualidade ao longo da trajetória de vida e analisam como os processos de construção social influenciam na constituição das percepções das idosas sobre a sexualidade feminina na velhice. Metodologicamente, este trabalho se apresenta enquanto uma pesquisa pura, de natureza qualitativa e de objetivo metodológico exploratório, se tratando de uma pesquisa Bibliográfica com metodologia de Revisão Sistemática. Foram utilizados enquanto critérios de inclusão para este estudo, produções acadêmicas (artigos, dissertações e teses) disponíveis nas bases de dados BVS PSI, Portal de periódicos CAPES, PePSIC e SciELO, publicados entre os anos de 2014 a 2019, em língua portuguesa, com acesso gratuito e disponíveis na íntegra. Neste sentido, foi realizada discussão bibliográfica que trata de considerações sobre o envelhecimento, tendo em vista, as principais mudanças fisiológicas e psicológicas vivenciadas por mulheres na velhice. Ainda neste viés, foi abordada a interlocução entre os conceitos de sexualidade feminina e envelhecimento, bem como seus desdobramentos. Constatou-se, por meios dos resultados dessa pesquisa, que as percepções construídas pelas idosas sobre a sexualidade sofrem várias influências, como opiniões de familiares, da sociedade em que estão inseridas e principalmente com a própria percepção sobre o assunto que foi adquirida ao longo do tempo. Contudo, espera-se que este trabalho contribua na promoção de reflexões a respeito da sexualidade das idosas, auxiliando nas mudanças de pensamentos da sociedade, desmistificando mitos e tabus e, conseqüentemente, contribuindo para diminuição do preconceito.

Palavras-chave: Envelhecimento. Sexualidade feminina. Percepção. Psicologia.

ABSTRACT

LEITE, Laiany Farias Costa. **Percepção da mulher idosa sobre a sexualidade na velhice: uma revisão bibliográfica sistemática.** 2020. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2020.

This paper proposes the discussion of the experience of sexuality in old age, considering that aging is a phenomenon that has been drawing attention today, and among the effects of old age, sexuality has been a dimension of great relevance in academic discussions. This research aimed to search for studies that could lead to the understanding of the elderly woman's perception regarding the experience of sexuality in old age. In addition, the specific objectives deal with the investigation of the conceptions constructed by women about the experience of sexuality throughout their life trajectory and analyze how the processes of social construction influence the constitution of the elderly women's perceptions about female sexuality in old age. Methodologically, this work presents itself as a pure research, of a qualitative nature and with an exploratory methodological objective, dealing with a Bibliographical research with a systematic review methodology. Academic productions (articles, dissertations and theses) available in the VHL PSI databases, CAPES, PePSIC and SciELO journals, published between 2014 and 2019, in Portuguese, were used as inclusion criteria for this study. free access and available in full. In this sense, a bibliographical discussion was carried out that deals with considerations about aging, in view of the main physiological and psychological changes experienced by women in old age. Still in this bias, the interlocution between the concepts of female sexuality and aging was discussed, as well as its consequences. It was found, through the results of this research, that the perceptions constructed by the elderly women about sexuality suffer various influences, such as the opinions of family members, the society in which they are inserted and mainly with their own perception of the subject that was acquired over time. However, it is expected that this work will contribute to the promotion of reflections on the sexuality of the elderly, helping to change society's thoughts, demystifying myths and taboos and, consequently, contributing to the reduction of prejudice.

Keywords: Aging. Female sexuality. Perception. Psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fluxograma das etapas do processo metodológico.....	32
Quadro 1 - Resultados da quantidade de artigos encontrados após busca por palavras-chave em cada plataforma.....	34
Quadro 2 - Resultado da quantidade trabalhos encontrados com a pesquisas das palavras-chaves na plataforma SciELO.....	35
Figura 2 - Resultado da seleção de trabalhos da plataforma SciELO.....	35
Quadro 3 - Resultado da quantidade trabalhos encontrados com a pesquisas das palavras-chaves da plataforma CAPES.....	36
Figura 3 - Resultado da seleção de trabalhos da plataforma CAPES.....	36
Quadro 4 - Resultado da quantidade trabalhos encontrados com a pesquisas das palavras-chaves na plataforma PePSIC.....	37
Figura 4 - Resultado da seleção de trabalhos da plataforma PePSIC.....	37
Quadro 5 - Resultado da quantidade trabalhos encontrados com a pesquisas das palavras-chaves na plataforma BVS PSI.....	38
Figura 5 - Resultado da seleção de trabalhos da base de dados BVS PSI.....	38
Quadro 6 - Resultado final da quantidade de artigos selecionados para a discussão da pesquisa de acordo com os critérios de inclusão e exclusão.....	39
Quadro 7 - Sínteses dos artigos selecionados para a discussão.....	39
Gráfico 1 - Resultado de publicação das áreas de conhecimento.....	47
Gráfico 2- Distribuição dos artigos segundo o período de publicação dos estudos que compuseram a amostra.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial de Saúde
UnAIT	Universidade Aberta à Terceira Idade
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
ULBRA	Universidade Luterana de Palmas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 REFENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO.....	13
2.2 ASPECTOS BIOLÓGICOS E PSICOLÓGICOS DO ENVELHECIMENTO.....	16
2.3 A MULHER NA SOCIEDADE	22
2.4 A PRESENÇA DA SEXUALIDADE DA MULHER IDOSA.....	26
3 METODOLOGIA.....	31
4 RESULTADOS.....	34
5 DISCUSSÃO.....	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento humano é um processo natural que começa com o próprio início da vida do indivíduo, não obstante, o período denominado “velhice” ou “idade avançada” evidencia a finitude corpórea dos seres humanos. Esse período carrega a trajetória de vida do sujeito e é construído sob diferentes influências de ordem sociocultural, como o acesso a oportunidades educacionais, cuidados em saúde e realização de ações que seguem ao longo da vida. Nesse sentido, o envelhecimento é visto como um processo socio vital, e a velhice denota o estado de "ser idoso", ou seja, a condição resultante do processo de envelhecimento que gerações têm vivenciado no âmbito de contextos específicos de seu ciclo vital (LIMA; SILVA; GALHARDONI, 2008).

O envelhecimento populacional é um dos fenômenos estruturantes de maior impacto na sociedade, sendo este resultante de um processo demográfico que tem sido registrado desde o século XX (NASRI, 2008). Além disso, a literatura sobre o tema estima que em 2050 é provável que existam cerca de dois bilhões de pessoas com mais de sessenta anos no mundo, e a maioria delas estarão vivendo em países em desenvolvimento, entre os quais o Brasil se inclui (BRASIL, 2007). O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estimou em 1999 que a população brasileira era constituída por aproximadamente 172,3 milhões pessoas, sendo 6,7% de tal estimativa referente a idosos. E no que concerne especificamente ao número total de idosos na população brasileira, cabe mencionar um aumento desta contabilidade em aproximadamente 700% em menos de 50 anos já que em 1960 foram contabilizados 3 milhões, 7 milhões em 1975, e 20 milhões em 2008 (NASRI, 2008; VERAS, 2009).

Atualmente o Brasil tem mais de 28 milhões de pessoas idosas, número que representa 13% da população do país. E esse percentual tende a dobrar nas próximas décadas, segundo a Projeção da População, divulgada em 2018 pelo IBGE. Alencar (2014) salienta que a relação entre o envelhecimento demográfico e o aumento da longevidade no Brasil levam a perspectivas de crescimento do número de pessoas idosas no país. Essa mudança na estrutura demográfica brasileira, ao contrário do que é comum imaginar, é resultante do aumento da expectativa de vida dos indivíduos mais velhos da sociedade, bem como de mudanças em alguns indicadores de saúde, especialmente na redução das taxas de fertilidade e a diminuição da taxa de mortalidade (RODRIGUES; SOARES, 2006; BRASIL, 2007; GARBIN et al., 2010).

Neste viés, a população pode se tornar mais envelhecida de acordo com a proporção entre o aumento de pessoas idosas e a diminuição de indivíduos mais jovens. Além disso, como destaca Nasri (2008, p. 04), “para que uma determinada população envelheça, é necessário haver também uma menor taxa de fecundidade”.

Há que se levar em consideração que a maior parte da população idosa se constitui por pessoas do sexo feminino, principalmente, em virtude das mulheres apresentarem comportamentos mais saudáveis e maior cuidado com o corpo do que os homens ao longo da vida, refletindo maior longevidade para o sexo feminino (ROCHA et al., 2005).

Vários pontos são ressaltados em estudos sobre o envelhecer, entre estes, mudanças ocorridas na concepção da sexualidade e das práticas sexuais. Portanto, de acordo com Ribeiro (2002), a prática do sexo deixou de ter apenas a função procriativa para se tornar fonte de prazer sexual, assim, se percebe um aumento considerável de indivíduos que chegam a uma idade avançada sem renunciar a sua vida sexual. “Os próprios idosos têm buscado a construção de uma nova identidade para si, ultrapassando o modelo social ideológico posto hegemonicamente e a visão estigmatizadora e cheia de preconceitos” (ALMEIDA; PATRIOTA, 2009, p. 02).

Ao longo do desenvolvimento da sociedade, mitos e tabus, foram sendo criados no que tange a sexualidade, possivelmente, pela forma como o indivíduo se relacionou com sua sexualidade ao longo do tempo, como adquiriu conhecimento a respeito, conseqüentemente a maneira que foi construída sua identidade sexual. Assim, talvez um dos aspectos relacionados ao idoso que mais sofre preconceito seja o tema sexualidade (ALMEIDA; PATRIOTA, 2009).

Observa-se, especialmente no senso comum, uma visão limitada sobre sexualidade na velhice e em muitas vezes associa esse período da vida como um período de assexualidade. Sabe-se que o envelhecimento traz alterações importantes nos aspectos físicos e emocionais das pessoas, e isso não estabelece que o idoso se torna assexuado. Contudo, a sociedade, muitas vezes, investida de preconceitos e tabus, considera o idoso como um ser desprovido de desejo sexual. As modificações fisiológicas naturais do envelhecimento, princípios religiosos, opressões familiares e aspectos individuais fortalecem esse estigma social, que influencia como os idosos desempenham suas vidas (UCHÔA, 2016; OLIVEIRA; NEVES; SILVA, 2018).

A sexualidade está relacionada com a vida afetiva da pessoa e com a sua necessidade de estabelecimento e manutenção dos vínculos afetivos, vivência da intimidade, de desejo, carinho e amor. A sexualidade é, então, entendida como sendo a atitude que um indivíduo expressa seu sexo, é uma necessidade fundamental, cuja dinâmica deve ser vivida plenamente. Desse modo, a sexualidade pode ser expressada de várias maneiras, não se restringe unicamente a atividade sexual e pode ser experienciada por todos, em todas as idades, mesmo com o acentuar do envelhecimento (PATRIOTA; ALMEIDA, 2009; OMS, 2015).

As relações de gênero são de extrema importância para a presente discussão, considerando a ideia equivocada de que a velhice ocorre da mesma forma para homens e mulheres, e a influência da cultura na aceitação da sexualidade na velhice (RODRIGUES;

DUARTE; LEBÃO, 2009). Os autores citados acima ainda esclarecem sobre diversos estereótipos que caracterizam o processo do envelhecimento, a deterioração do corpo e que permanecem culturalmente na sociedade. As decorrências quanto à sexualidade na velhice, principalmente para a mulher, constituem um assunto singularmente inteirado de preconceito.

Atualmente muito já se conhece sobre a sexualidade, entretanto são relativamente recentes as pesquisas e estudos sobre este tema em relação as mulheres mais velhas, tornando a prática sexual na velhice precariamente discutida. A investigação da vivência da sexualidade, da mulher idosa é uma temática importante a ser discutida nos meios acadêmicos e a psicologia pode contribuir nesta temática trazendo novas perspectivas para o envelhecimento feminino.

Este estudo teve como problema de pesquisa a identificação da percepção de mulheres idosas, na atualidade, a respeito da vivência de sua sexualidade. Para tanto, se objetivou a busca de estudos que pudessem levar à compreensão da percepção da mulher idosa a respeito da vivência da sexualidade na velhice. Além disso, os objetivos específicos tratam da investigação das concepções construídas por mulheres idosas sobre a vivência da sexualidade ao longo da trajetória de vida, bem como analisar como os processos de construção social influenciam na constituição dessas percepções, por parte das idosas, sobre a sexualidade feminina na velhice.

Assim, o presente trabalho leva em consideração que a investigação sobre a vivência da sexualidade, em mulheres idosas, pode lançar luz a respeito dos impactos psicológicos relacionados a uma possível barreira de um envelhecer com qualidade de vida, uma vez que as mulheres idosas podem deixar de vivenciar a sexualidade em virtude de preconceitos internalizados ao longo da vida.

Cabe mencionar que o processo histórico da constituição da feminilidade é marcado por diversas interdições, dentre estas, a vivência da sexualidade. Sendo assim, a compreensão sobre a vivência da dimensão sexual, em mulheres idosas, pode evidenciar as proibições por elas vividas e o quanto estas ainda fazem sentir seus efeitos em suas vidas.

A partir de uma Revisão Bibliográfica Sistemática de caráter qualitativo, realizou-se busca de dados que direcionam para a sexualidade de mulheres idosas e suas percepções quanto a vivencia da sexualidade na velhice. Para este estudo foram escolhidas pesquisas disponíveis em língua portuguesa, em um corte temporal entre 2014 a 2019, disponíveis nas plataformas SciELO, Portal de Periódicos da CAPES, PePSIC e BVS Psi.

O interesse por essa temática se deu em razão de sua complexidade, bem como pela atualidade e relevância. Este tema se apresenta pertinente em virtude da necessidade de novos estudos que abordam a sexualidade na velhice como um fator que favorece a melhoria da qualidade de vida, já que o envelhecimento não implica a estagnação da sexualidade.

A investigação sobre a vivência da sexualidade em mulheres idosas se destina a servir de referência a pessoas que lidam com as idosas, oferecendo subsídios para uma atuação com maior eficiência nessa área, respeitando, apoiando e estimulando a vida sexual das mulheres. Neste sentido, mudanças na visão social sobre a velhice são relevantes, bem como a para ampliação dos espaços da idosa na sociedade. Neste viés, este trabalho apresenta relevância para o conhecimento científico, pois contribui com a produção acadêmica, considerando a escassez do número de trabalhos produzidos nesta temática, principalmente, no que se refere à psicologia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O ENVELHECIMENTO

O envelhecimento populacional é um dos fenômenos de maior impacto, que marca um processo de mudança demográfica registrado em todo o mundo, resultante de um crescente aumento de pessoas com 60 anos ou mais (NASRI, 2008). Essa mudança na estrutura demográfica brasileira tem como características principais, de um lado, o fato do “envelhecimento populacional estar se dando sem que tenha havido uma real melhoria das condições de vida de uma grande parcela dessas populações, e de outro lado, a rapidez com que esse envelhecimento está ocorrendo” (RAMOS; VERAS; KALACHE, 1987, p. 211).

Ao contrário do que é comum imaginar, essa mudança na estrutura demográfica supracitada se manifesta, em parte, pelo aumento da expectativa de vida dos indivíduos mais velhos da sociedade, e entre outros aspectos, pela redução das taxas de fertilidade e a diminuição da taxa de mortalidade (RODRIGUES, SOARES, 2006; BRASIL, 2007; VERAS, 2009; GARBIN, et al., 2010). Na década 50, a taxa da população brasileira crescia 3 % ao ano, em decorrência da manutenção de taxas de fecundidade elevadas (superiores a 06 filhos por mulher), e dos ganhos progressivos de expectativa de vida da população.

Jannuzzi (1995) salienta que a partir do final dos anos 60 as taxas de fecundidade passaram a cair rapidamente, refletindo na demografia populacional em decorrência do aumento da urbanização, da escolaridade, do ingresso gradual da mulher no mercado de trabalho, da propagação de meios contraceptivos e da ampliação de novos padrões de vida familiar.

Neste viés, o crescente aumento da expectativa de vida da população mundial tem caráter extensivo e se apresenta distinto para o homem e para mulher. No Brasil, entre 1920 e 1982, a população experimentou um aumento de quase 30 anos de vida, e, no ano de 1987 já se mencionava o significativo aumento da expectativa de vida da mulher em relação ao homem. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nas últimas décadas foi constatado o predomínio de mulheres na população idosa, as mulheres representavam 55,5% da população brasileira a partir de 60 anos e 61% dos idosos acima de 80 anos (RAMOS; VERAS; KALACHE, 1987; IBGE, 2011).

Para Ramos, Veras e Kolache (1987), as diferenças entre os sexos neste quadro demográfico da época corroboraram que a longevidade das mulheres é resultado da diminuição da mortalidade feminina, em função da melhoria na assistência obstétrica, da tendência de maior cuidado com a saúde e menor exposição às causas de risco de trabalho. Além disso, os homens estão mais expostos a toxinas perigosas e tendem a maior consumo de tabaco e álcool do que as mulheres.

Neri e Freire (2000) apontavam que, na atualidade, existe muitos termos com os quais se pode indicar as pessoas que já viveram mais tempo e que chegaram a fase da vida que outrora era denominada velhice. Entre os termos mais utilizados estão: pessoa idosa; pessoa na meia idade; idade madura; melhor idade; maturidade; e, o mais comum, terceira idade. Para os fins desse trabalho adota-se o termo pessoa idosa.

É considerada idosa a pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos de idade, segundo a legislação da Política Nacional do Idoso, mencionada na Lei nº. 10.741, de primeiro de outubro de 2003, no seu artigo 1º do capítulo I (BRASIL, 2003). Entretanto, para a compreensão do envelhecimento, outros critérios podem ser considerados além da faixa etária, como as condições físicas, mentais, sociais e existenciais, assim como a capacidade e a energia para o trabalho, lazer e sexo (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Queiroz e Netto (2007) aprofundam nesses aspectos citados acima, destacando a importância de conhecer os significados dos termos senescência e senilidade. Logo, a senescência refere-se às transformações normais do organismo que vivencia o processo de envelhecimento, não obstante, a senilidade decorre de processos mórbidos que acometem o organismo ao longo do processo de envelhecimento.

Assim, o envelhecimento, também chamado senescência, é um processo universal, definido geneticamente para os indivíduos da espécie, razão pela qual é também referenciado como envelhecimento normal. Ainda assim, enfermidades e incapacitações, em virtude de ações genéticas, comportamentais, bem como a falta de acesso a recursos científicos, tecnológicos e sociais podem acelerar a senescência e conduzir a estados finais de forte desorganização e indiferenciação. Em compensação, sob classes hereditárias satisfatórias, bem como condições ambientais e comportamentais, no decorrer da vida, as pessoas podem se aproveitar de um envelhecimento digno, apresentando as mudanças da senescência, mas com pequenas perdas funcionais, poucas e controladas doenças crônicas, preservando a manutenção da atividade e da participação social (NERI, 2013).

Neri (2001) expõe que o termo velhice assinala a última fase do ciclo vital, sendo esta delimitada por vários eventos, por exemplo: perdas psicomotoras, afastamento social, entre outros aspectos. Assim, o processo do envelhecimento pensado em termos biológicos, compreende uma série de processos e transformações do organismo, que ocorrem no envelhecimento normal e são resultantes do declínio gradual do metabolismo celular e da atividade dos principais sistemas fisiológicos, assim, as modificações estruturais e fisiológicas que ocorrem como consequência natural do próprio envelhecimento, combinadas com os

efeitos dos danos acumulados ao longo da vida, podem resultar no desenvolvimento de doenças no indivíduo idoso (BICALHO; CINTRA, 2013).

Neste sentido, vivenciar a velhice é conviver com diversas modificações corporais, perceptíveis para quem observa e podem afetar mais algumas pessoas do que outras. Alterações no peso e no índice de massa corporal, perda de força, o aparecimento de rugas, cabelos mais finos, grisalhos e depois brancos, mudanças degenerativas progressivas na pele, comprometimento visual, modificações ósseas, problemas musculares, problemas de circulação sanguínea, queda do metabolismo, desaceleração dos impulsos nervosos do idoso determinam privações sensoriais e contribuem para o declínio cognitivo (BICALHO; CINTRA, 2013; PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Além disso, “a composição química das alterações ósseas cria um risco maior de fraturas. Assim, mudanças menos visíveis, mas igualmente importantes, afetam os órgãos internos e o organismo em geral, o cérebro e o funcionamento sexual, motor e sensorial” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 581).

Nos indivíduos, as mudanças estruturais, como declínio físico, podem iniciar por volta dos 40 anos e, gradativamente, continua ao longo do tempo de vida, com possibilidade de ocorrer um aumento do declínio após os 75 ou 80 anos. Determinadas mudanças, gradualmente, resultam em perda de função durante a velhice, tais como mudanças na visão e na massa óssea, no caso das mulheres. Outras mudanças, como, por exemplo, a que ocorre no sistema nervoso, não costumam levar a mudanças funcionais perceptíveis ou significativas até os 65 anos (BEE, 1994).

Assim, ao considerar o envelhecimento, cabe ressaltar dois conceitos importantes: o envelhecimento primário que é entendido como um processo gradual e inevitável de deterioração física que se estende ao longo da vida; e o envelhecimento secundário, sendo este um processo que resulta de doenças, abusos e maus hábitos físicos e que poderia muitas vezes ser evitado (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Papalia e Feldman (2013) salientam ainda que especialistas no estudo do envelhecimento se referem a três grupos de pessoas mais velhas: o “idoso jovem”, que diz respeito ao grupo de pessoas entre 65 e 74 anos, que costumam estar ativas, cheias de vida e vigorosas; o “idoso idoso”, que é uma fase de transição entre o primeiro grupo e o terceiro, e corresponde a pessoas de 75 a 84 anos; e, os “idosos mais velhos”, com 85 anos ou mais, sendo este último grupo, devido a idade, o que têm maior tendência para a condições de fragilidade e para a enfermidade, além de apresentarem dificuldade para desempenhar algumas atividades da vida diária.

Ainda que estas classificações sejam bastante usuais, cada vez mais pesquisas tem revelado que o processo de envelhecimento é uma experiência heterogênea, ou seja, vivida de maneira distinta por cada pessoa. Neste viés, a idade cronológica não é suficiente para indicar as mudanças que acompanham o envelhecimento, uma vez que vários fatores podem cooperar e influenciar nesse processo inerente ao ciclo da vida. Por exemplo, nos 60 anos algumas pessoas já apresentam alguma incapacidade, enquanto outras estão cheias de vida e energia aos 85 anos, portanto, é preciso considerar que o envelhecimento se dá de diferentes maneiras, e que as pessoas podem estar na mesma faixa etária de idade e apresentarem características distintas (BEE, 1997; OMS, 2005; ARCOVERDE, 2006).

Para Papalia e Feldman (2013) outra classificação muito usual é a idade funcional, que está relacionada ao funcionamento do indivíduo no ambiente, isto é, a capacidade de uma pessoa funcionar bem em um ambiente físico e social em comparação a outras da mesma idade cronológica. Assim, uma pessoa de 90 anos que possui uma boa saúde pode ser funcionalmente mais jovem do que uma de 65 anos que não tem uma saúde tão boa.

A compreensão das diferenças entre a classificação de “idosos jovens”, “idosos velhos” e “idosos mais velhos” pode auxiliar no entendimento de que o envelhecimento não é algo que se dá rapidamente e, não é determinado apenas pela idade cronológica do indivíduo, mas é consequência do modo vida e a administração dos hábitos, e, portanto, uma relação entre as vivências pessoais e o contexto cultural em determinada época, e que as necessidades e capacidades físicas e sociais dos idosos podem variar muito, e nele estão envolvidos não apenas aspectos cronológicos, mas também biológicos, psicológicos e sociais (BEE, 1997; SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

O conhecimento básico desses aspectos citados acima do processo do envelhecimento tem sido considerado imprescindível para se alcançar um entendimento adequado de como a mulher idosa pode vivenciar sua sexualidade de modo satisfatório. Assim, a seguir cita-se um ligeiro traçado do envelhecimento considerando os aspectos biológicos e psicológicos para uma melhor compreensão da sexualidade feminina na velhice.

2.2 ASPECTOS BIOLÓGICOS E PSICOLÓGICOS DO ENVELHECIMENTO

Além dos processos naturais do envelhecer, citados até aqui, sabe-se que a mulher vivencia um período marcante de transição, chamado de menopausa, que pode ser longo, demorado e cujo término caracteriza-se por sua forma muitas vezes inesperada e até indesejada, pois, culturalmente, significa a “porta” do envelhecimento feminino.

Historicamente o maior enfoque é dado aos fatores biológicos, isto é, aos sinais e sintomas, se referindo ao período do climatério algumas vezes como uma síndrome ou um período patológico e anormal. Embora os sintomas resultantes desse período, na maioria das vezes, podem ser desagradáveis e causar incapacidades, porém, são em geral passageiros e não causam danos graves. É um processo de mudanças físicas e emocionais para a mulher, contudo, ela ainda recebe a influência de vários fatores como sua história de vida, cultura, costumes, particularidades pessoais, dentre outros (OMS, 1996; BRASIL, 2008).

A menopausa é a fase que cessa a capacidade reprodutiva da mulher, isto é, a última menstruação espontânea, no qual os ciclos menstruais e ovulatório cessam. A idade para que ocorra este processo varia de mulher para mulher, e em média, ocorre entre os 45 e 60 anos de idade, quando a mulher deixa de ter menstruações consecutivas por 12 meses. O tempo de transição que antecede a menopausa é chamado de climatério, e dura de dois a oito anos e representa a passagem da fase reprodutiva da mulher para a fase não reprodutiva (PORTINHO, 1994; OMS, 1996; RIBEIRO, 2002; BRASIL, 2008).

Para Papalia e Olds (2000) basicamente o que ocorre nesse período e culmina na menopausa é a intensa variação endócrina e diminuição de forma lenta e gradativa da produção do hormônio estrogênio pelos ovários e as glândulas suprarrenais, tornando a menstruação irregular, com menor fluxo do que antes e um tempo mais longo entre os períodos menstruais. Esse período, provoca modificações hormonais no organismo, da mulher, que se somam com repercussões físicas, psicológicas, sociais e culturais, se apresentando de diferentes maneiras para cada mulher (OMS, 1996; BRASIL, 2008).

Para a Organização Mundial de Saúde (1996, p. 01), tem-se a definição desse período da seguinte forma:

A menopausa é a fase da vida da mulher que cessa a capacidade reprodutiva. Os ovários deixam de funcionar e a produção de esteroides e peptídeo hormonal diminui e conseqüentemente se produzem no organismo diversas mudanças fisiológicas, algumas resultantes da função ovariana e de fenômenos menopáusicos a ela relacionados e outros devido ao processo de envelhecimento. Quando se aproxima da menopausa, muitas mulheres experimentam certos sintomas, em geral passageiros e inócuos, porém não menos desagradáveis e às vezes incapacitantes.

Nesse período, vivenciado pela mulher, as alterações do organismo perduram ao longo de um período muito maior, daí a necessidade de atribuir importância a toda a fase do climatério, de limites imprecisos, mas com alterações endócrinas e sistêmicas marcantes. O climatério é considerado período de plena transformação no corpo feminino e à medida que a mulher se aproxima desse período, surgem as principais alterações biológicas que são decorrentes do esgotamento progressivo dos folículos ovarianos e conseqüentemente há

alterações dos ciclos menstruais e diminuição dos ciclos ovulatório, que determina a cessação completa das menstruações (FEBRASGO, 2004).

Essas alterações levam a maioria das mulheres a vivenciarem sinais e sintomas que trazem desconfortos em maior ou menor grau. Assim, dentre os conjuntos de sinais e sintomas, cabe ressaltar o mal-estar físico e emocional, ondas de calor, insônia, fadiga, irritabilidade, depressão, sudorese, palpitações, cefaleia, esquecimento, problemas urinários, estresse, alterações na sexualidade. Observa-se, porém, que possivelmente, a intensidade com a qual se propagam esses sintomas estejam também relacionados aos fatores socioculturais e psicológicos que atuariam influenciando os níveis de aceitação e transformação dos sintomas do climatério (LORENO, 2005; BRASIL, 2008).

Há entendimento de que a menopausa e o envelhecimento não se apresentam de forma padronizada em todas as mulheres. As reações emocionais no climatério são variadas e muitas mulheres vivenciam esse período com sintomas inexpressivos ou inexistentes. Algumas mulheres podem perceber esse período como o início de uma nova fase, que lhes permitirão uma vida com maior maturidade e confiança, entretanto, outras, experimentam o climatério de forma negativa, destacando-se a irritabilidade, ansiedade, depressão e possíveis disfunções sexuais (FAVARATO; ALDRIGHI, 2001; FERREIRA, et al., 2013).

É importante pensar que a menopausa marca o início de outra etapa do ciclo de vida da mulher e nunca o tempo de vida útil. Como a menopausa acontece em média entre 45 e 55 anos e atualmente a expectativa de vida da mulher encontra-se por volta dos 70 anos, significa que há ainda muito tempo de vida útil para ser desfrutado após a menopausa, correspondendo cerca de 1/3 de suas vidas (BRASIL, 2008).

Cabe citar, que muitas mulheres na menopausa, além das repercussões naturais desse período, ainda estão passando por mudanças de papéis estressantes, tanto socialmente, como familiar e de relacionamento. São mudanças que podem afetar a saúde mental das idosas ocasionando o aumento da irritabilidade, do nervosismo e da depressão (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Nota-se, frequentemente, que o período da menopausa também pode ser um fator desencadeador de crises de identidade, em mulheres, em função do distanciamento de um padrão físico aceito por elas ao qual não pode mais ser mantido. Esse distanciamento ou pelo não alcance ao padrão ocasiona ampla redução de autoestima e, conseqüentemente, o sentimento de inferioridade e insegurança (BATISTA; MAGALHÃES, 2016).

Além das alterações anatômicas e fisiológicas que promovem o processo degenerativo, próprio da idade, a caracterização de uma pessoa como idosa é dada a partir da comparação das

suas capacidades cognitivas atuais com as anteriores à velhice, por exemplo: o indivíduo começa a ter perda de memória, dificuldade de aprendizado, além de dificuldades na atenção, orientação e concentração (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Sabe-se que mesmo durante o processo de envelhecimento normal é comum ter prejuízo em algumas capacidades cognitivas, como a rapidez de aprendizagem e a memória. O declínio cognitivo com o envelhecimento varia quanto ao início e progressão, pois depende de alguns fatores como educação, saúde, personalidade, nível intelectual global, entre outros. O declínio no funcionamento cognitivo pode ser provocado por doenças, fatores comportamentais como o uso de álcool e medicamentos, fatores psicológicos como a falta de motivação e baixas expectativas, e fatores sociais, como a solidão e o isolamento, mais do que o envelhecimento em si (OMS, 2005; FECHINE; TROMPIERI, 2012).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) ainda aponta certos aspectos psicológicos, que são obtidos ao longo da vida, e têm grande influência no modo como as pessoas envelhecem, por exemplo: a auto eficiência (crença na capacidade de exercer controle sobre sua própria vida, relacionada a escolhas pessoais de comportamento durante o processo de envelhecimento e a preparação para a aposentadoria); a escolha de como superar adversidades (determina o nível de adaptação a mudanças e a crises do processo de envelhecimento, como a privação e o surgimento de doenças). Assim, as mulheres que se preparam para a velhice e se adaptam a mudanças fazem um melhor ajuste em sua vida depois dos 60 anos (OMS, 2005).

Ainda sobre as dimensões psicológicas do envelhecimento, Gatto (2002) alega que todos os indivíduos, em diferentes fases da vida, enfrentam crises, e embora estejam sempre presentes, é possível encontrar diferentes possibilidades de enfrentamento. Na velhice, as perdas se aceleram com tempo menor para superação, bem como a proximidade da finitude e da angústia que tal fato gera no indivíduo. Assim, é possível afirmar que a superação desta angústia está diretamente relacionada com os recursos internos desenvolvidos para elaboração de perdas e lutos ocorridos ao longo da vida e que aumentam com o passar do tempo (BIASUS, 2016).

Para Erik Erikson, psicanalista alemão, na velhice o indivíduo se confronta com a crise de identidade designada pelo autor como integridade do ego versus desespero. Nessa fase é que o idoso reflete sobre a vida e faz uma avaliação sobre como viveu. Se olhar para trás com sentimento de satisfação e realização, achando que conseguiu lidar bem com as vitórias e falhas da vida, pode-se dizer que alcançou a integridade do ego. Por outro lado, se o idoso avalia a sua vida com sentimento de frustração e arrependimento, interpretando, assim, que perdeu muitas

oportunidades e sentindo-se arrependido quanto a erros que não mais pode corrigir, sentirá, então, desespero (SCHULTZ; SCHULTZ, 2014).

No envelhecimento, o indivíduo se depara com perdas significativas como o surgimento das doenças crônicas que deterioram sua saúde, a perda de parentes e de pessoas próximas, a perda do cônjuge, perda de papéis sociais valorizados, dificuldades financeiras decorrentes da aposentadoria e isolamento social crescente. Essas perdas afetam a autoestima, resultando muitas vezes em crise, sendo que a forma de enfrentamento de cada idoso será diferente, dependendo dos recursos internos e externos que cada um possui (GATTO, 2002).

Segundo a experiência profissional de Gatto (2002), pode ocorrer do idoso se sentir frágil e incapaz de enfrentar as perdas, se instalando assim, uma crise que afeta o equilíbrio emocional, porém, a maioria dos idosos enfrentam as perdas com coragem e criatividade, preservando assim sua saúde mental. E para isso acontecer são necessários ajustes e reconfigurações internas, para serem capazes de superar com vigor as limitações características da idade.

Para Zimerman (2000), em decorrência do envelhecimento, o ser humano apresenta várias mudanças psicológicas que podem resultar em dificuldade de se adaptar a novos papéis e as mudanças rápidas, falta de motivação e dificuldade de planejar o futuro. Há também a necessidade de trabalhar as perdas orgânicas, afetivas e sociais, que podem resultar em alterações psíquicas que exigem tratamento, como por exemplo, manifestações depressivas, hipocondríacas e de somatização, baixa autoestima e risco de suicídio.

Outro fator relevante é a percepção dos idosos sobre as mudanças advindas do envelhecimento, pois é certo que as condições físicas exercem influência sobre o estado mental do idoso, sendo que, cada um percebe seu estado físico de maneira singular, e a percepção sobre tais condições pode ser um desencadeador grave de desequilíbrio da saúde mental, assim: “rugas, cabelos brancos, pós-menopausa, diminuição da potência da atividade sexual, postura encurvada, reflexos mais lentos, transformando nossa autoimagem, podendo provocar transtornos emocionais mais agudos” (GATTO, 2002, p. 110). Segundo a autora, tais modificações acarretam um sentimento doloroso da perda da identidade corporal e podem se manifestar ainda na juventude.

A autora alerta ainda que o corpo se torna uma espécie de veículo que nos permite viver, e que apenas prestamos atenção quando ele é gerador de dor, considerando também que a possibilidade de um momento de nossas vidas em que ele (o corpo) é basicamente dor. Há desinvestimentos na capacidade de obter prazer, o corpo pode se tornar um fardo pesado a ser

carregado, nos levando muitas vezes a sequer querer tratá-lo quando de fato adoecer (GATTO, 2002).

Em paralelo a tudo isto, os idosos ainda precisam lidar com preconceitos existente na sociedade, “a velhice, enquanto etapa da vida, na concepção de muitos, ainda, é marcada como sinônimo de incapacidades, seja de ordem física ou mental, tornando os idosos improdutivos no campo econômico e social” (ALENCAR et al., 2014, p. 2).

A maneira como a sociedade compreende a velhice tem influência no modo como o idoso se percebe, bem como na interiorização do envelhecer como algo negativo. É na juventude que se aprende que na velhice o indivíduo se torna um peso para outras pessoas, vulnerável, doente e improdutivo. Assim, ao chegar na velhice essas imagens tomam forma de uma autoimagem negativa sentida pelo idoso, obstáculo na qualidade de vida, intensificando assim, o quadro de crise emocional (GATTO, 2002).

Um quarto fator apresentado pela autora é a perda de ordem econômica-social: com a aposentadoria, perde-se também, o vínculo profissional e o papel social. Em alguns casos a aposentadoria acarreta uma queda do padrão de vida e o idoso passa por uma série de privações, sem qualquer preparo emocional para essa situação. E, como consequência da não elaboração de um fechamento desse importante ciclo, é comum o surgimento de manifestações psicopatológicas, como exemplo, a depressão (GATTO, 2002).

A aposentadoria é o fator responsável pela crise de identidade que se desenvolve nos indivíduos que se aposentam, principalmente, para as mulheres, que agora deixam de se identificar como pessoas produtivas e relevantes na sociedade. Assim, essa etapa da vida que deveria ser recebida como um momento de transição do ciclo de trabalho para o ciclo de lazer e realizações de planos individuais é confundido com a perda de valor diante a sociedade, acarretando em crise de identidade pela busca de um novo significante social para representar o novo status social (LIMA; BATISTA; MAGALHÃES, 2016).

Com relação a mulher que se dedicou apenas a vida doméstica e ao cuidado do marido e dos filhos, também há um ciclo se completando. São mulheres particularmente mais vulneráveis, que cuja sua identidade é centrada nos papéis de mãe e esposa. Em alguns casos enfrentando a viuvez, com filhos já criados, casados ou fora do ambiente familiar, se instaura o sentimento de solidão e de que sua vida perdeu o sentido (GATTO, 2002).

Considerando a importância das vivências culturais e sociais e sexuais expressas no corpo feminino, especialmente ao envelhecer, discorreremos a seguir algumas reflexões sobre a constituição do feminino e do papel da mulher.

2.3. A MULHER NA SOCIEDADE

A construção de gênero é considerada socialmente edificada em função da configuração dos papéis e condutas atribuídos aos homens e mulheres em uma determinada sociedade. Papéis estes que, com o tempo, sofrem mudanças e se reestruturam em função de novas demandas e movimentos sociais. Entender o conceito de gênero é muito importante para a compreensão das relações sociais existentes, uma vez que isso permite o entendimento de como é feita atribuição de papéis, características masculinas e femininas e como essas atribuições influenciam na construção de hierarquias na dinâmica social (ARAÚJO, 2005; PALMA; SANTOS SÁ, 2012).

Historicamente, em diferentes culturas, evidenciou-se com base em sistemas filosóficos, sociais e políticos que os homens, de forma imperiosa pela pressão direta ou através de tradições, lei, educação e divisão do trabalho, determinam o papel das mulheres na sociedade. No entanto, “atualmente, há um redesenho do papel da mulher em função de suas ocupações, dos movimentos sociais, das pressões interacionais, enfim, de uma série de fatos que são propulsores de mudanças” (PALMA; SANTOS SÁ, 2012 p. 95).

Durante o século XIX, a sociedade brasileira sofreu transformações, como a consolidação do capitalismo e o incremento de uma vida urbana que oferecia mudanças na convivência social. A ascensão da burguesia e o surgimento de uma nova forma de pensar burguesa reorganizou as atividades femininas, as vivências familiares e domésticas (D'INCAO, 2001).

D'Incao (2001) destaca que o desenvolvimento das cidades e as mudanças na vida burguesa no século XIX influenciou a organização do espaço no interior da residência, tornando-a mais acolhedora, o que afirmou os limites do convívio e as distâncias entre a nova classe e o povo, permitindo uma evolução da privatização da família marcada pela valorização da intimidade. Assim, o homem era envolto pelas questões públicas e econômicas e à mulher cabia o espaço doméstico, a responsabilidade pela educação dos filhos e o cuidado com a família.

Convém lembrar que a influência da família burguesa, no reforço da importância do amor familiar e no cuidado com a família, redefiniu o papel feminino, e ao mesmo tempo garantiu para a mulher novas atividades na esfera doméstica. Neste contexto, se percebe a influência desse papel por parte dos meios médicos, educativos e da imprensa na construção de várias propostas que visavam a educação da mulher para desempenhar o seu papel de guardiã familiar (D'INCAO, 2001).

Segundo Pinsky e Pedro (2003), muitas mulheres se basearam nas teorias iluministas do final do século XVIII para reivindicar os seus direitos e impetrar a emancipação feminina. O

Iluminismo abriu perspectivas que possibilitaram uma nova abordagem, da área pública e da questão da cidadania, ao afirmar que cada indivíduo é possuidor de direitos inalienáveis. Nessa Época, um conjunto de suposições filosóficas sustentavam a igualdade entre as pessoas e a necessidade de reformar e aperfeiçoar a sociedade, por meio da aplicação de princípios fundados na razão em detrimento dos velhos costumes.

A divisão da vida social em público e privado é tida para alguns autores como a causa principal de subordinação da mulher, ou seja, os homens estariam no controle do “domínio público”, enquanto as mulheres ficariam confinadas ao “domínio doméstico”, envolvidas apenas nos interesses privados (PINSKY; PEDRO, 2003).

Os autores supramencionados salientam que com a I e a II Guerra Mundial os homens foram para o campo de batalha e as mulheres assumiram atividades familiares, e neste contexto, muitas mulheres se sentiram obrigadas a deixar a casa e os filhos, e assumir funções e trabalhos que antes eram realizados por seus maridos. Neste viés, a Revolução Francesa trouxe mudanças importantes na história das mulheres, tanto na luta pela cidadania quanto nos questionamentos que surgiram sobre as relações entre os sexos, pois os direitos reivindicados às mulheres passaram a fazer parte dos direitos humanos universais.

A Proclamação da República também pode ser vista como o momento no qual novos modelos femininos passaram a ser mais reforçados. Muitas das imagens idealizadas das mulheres sofreram mudanças e intensificações, por conta das transformações que operaram com a proclamação da República. Assim, este foi um período que promoveu grandes transformações nas elites que vinham se configurando no decorrer do século XIX (PEDRO, 2004).

Pinsky e Pedro (2003) salientam que no século XIX já existiam mulheres participando de movimentos de reivindicação por direitos trabalhistas e igualdade da jornada de trabalho entre homens e mulheres. Neste período, a educação formal não era valorizada para as mulheres e, em resposta a isso, elas começaram a exigir mais educação para si e para suas filhas, objetivando o acesso às profissões intelectuais e ao voto. Neste viés, algumas delas passaram a defender o acesso à educação para todas as mulheres, independente da classe social, objetivando que mulheres mais pobres também tivessem os mesmos direitos. No entanto, a formação adequada para as mulheres serviria, conforme a ideologia dominante, apenas para torná-las boas cumpridoras de seus papéis femininos. Assim, as diferenças entre os sexos eram também reforçadas pela educação diferenciada para homens e mulheres.

Além disso, no século XIX a luta das mulheres por educação era exaustiva, marcada pelo enfrentamento de muitos obstáculos e resistências quando tentavam chegar à conclusão de

um curso superior e posteriormente conseguir um emprego. Assim, o acesso à educação por parte das mulheres foi um progresso importante de mudança paradigmática que proporcionou maior participação na cultura e ampliação dos horizontes femininos. Neste viés, as mulheres passaram a lutar pelo reconhecimento de sua cidadania e participação nas políticas públicas, abrindo espaço para reconstrução do papel social da mulher. E, com a inserção da mulher na vida pública, surge a necessidade de aparato social, como melhores condições de trabalho, creches, escolas e assistência em saúde (LOPES, 2011).

No Brasil, o período que compreende o final do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, marca uma série de transformações no perfil feminino, emanando a ideia da Nova Mulher. Entretanto, essa ideia, difundida na Europa e América do Norte, encontrou grande resistência no Brasil. Conforme as mulheres se inseriam nas profissões e ocupavam cada vez mais espaços significativos no mercado de trabalho, a Nova Mulher Europeia, estudada e sexualmente livre, fez levantar, no Brasil, o conservadorismo que defendia que tais ambições só trariam enfermidades e a degeneração da espécie (PRIORE, 2004).

Soibet (2011) assinalou a convergência das preocupações para organização da família e o respeito aos costumes, regras e convenções. Neste contexto, recaía sobre a mulher uma grande pressão acerca do comportamento pessoal e familiar desejado, sendo que, mulheres sexualmente livres e dotadas de grande inteligência, entre outras características, eram consideradas perigosas para o convívio social. A violência seria marcante nesse processo, ainda mais ao considerar que naquele momento, a atitude das classes dominantes era mais de repressão feminina do que de direção intelectual ou moral.

Vale ressaltar que a honra da mulher se constituiu em um conceito do qual o homem é legitimador, uma vez que a honra atribuída à mulher solteira dependia de sua virgindade, ou pela presença masculina no casamento. Essa concepção impôs à mulher o desconhecimento do próprio corpo e a repressão de sua sexualidade, sendo que, a partir disto, as mulheres mantiveram com seu corpo uma relação cultivada por sentimento de culpa, de impureza e de vergonha. Assim, esses sentimentos foram reforçados através de uma construção de informações restritivas e punitivas sobre o corpo da mulher, moldando assim, o sistema de dominação familiar e social (SOIBET, 2011).

O Século XX foi importante para o movimento das mulheres, pois muitas de suas reivindicações foram atendidas. As primeiras lutas pela emancipação e liberação das mulheres, permitiram a participação política e a oposição aos governos autoritários do país. No entanto, foi com a ECO92, realizada no Rio de Janeiro, que a literatura feminista no Brasil teve destaque

e impulso, principalmente a partir de reflexões sobre gênero e meio ambiente, e a estruturação de ações por parte dos movimentos feministas (CASTRO; ABRAMOVAY, 2005).

Para Priore (2004), os avanços alcançados na jornada percorrida pelos movimentos das mulheres estão presentes em quase todos os segmentos da sociedade. Em razão disto, os paradigmas que fundamentam e sustentam a igualdade entre os sexos passam por uma profunda transformação, sendo de grande importância o papel da mulher na conquista de uma nova identidade feminina, mais participativa e socialmente engajada.

O conceito de gênero foi trabalhado pela Antropologia e pela Psicanálise, situando a construção das relações de gênero na definição das identidades masculina e feminina, como base para a existência de papéis sociais distintos e hierárquicos. Esse conceito coloca claramente o ser mulher e o ser homem como uma construção social, a partir do que é estabelecido como masculino e feminino e os papéis sociais destinados a cada um na sociedade em que vivem (GROSSI, 2004).

Por meio dos Estudos de Gênero, que se confirma a desigualdade de gênero como uma realidade no Brasil e no mundo, onde as mulheres são consideradas como socialmente oprimidas dado o sistema patriarcal que ainda se faz presente na sociedade. O autor adota a definição de gênero como sendo uma representação por meio da qual se expressam os papéis sociais definidos ao longo do processo histórico para homens e mulheres, com uma dinâmica articulada com outras representações sociais, como a classe social e raça, existentes nas relações sociais de poder, dentro da engrenagem patriarcal (SAFFIOTI, 2011).

Cabe ressaltar que as relações de gênero, como construções sociais de formas de dominação e subordinação, têm resultado, historicamente, em experiências e trajetórias sociais diferentes para ambos os sexos, particularmente, para as mulheres idosas de hoje, as quais “vivenciaram a uma feminilidade marcada pela obediência, pelo conformismo e pelas desigualdades, além de uma apropriação social do corpo expresso no controle familiar e na medicalização das funções reprodutivas” (FERNANDES, 2009, p. 419).

Para além da historicidade do papel social da mulher, a sexualidade feminina emanou como uma dimensão essencial. Dentre algumas teorias, Sigmund Freud é apontado como o primeiro teórico a falar sobre a sexualidade feminina, e, neste sentido, o autor investigou sintomas que acometiam as mulheres históricas da sua época. Ao considerar a importância da constituição dos papéis femininos na sociedade e sua influência na sexualidade feminina, pondere-se conceitos da perspectiva psicanalítica, que será abordado a seguir, para melhor compreensão da sexualidade da mulher idosa.

2.4 A PRESENÇA DA SEXUALIDADE DA MULHER IDOSA

Para a compreensão de tal temática, na perspectiva psicanalítica, precisamos entender alguns conceitos apontados no desenvolvimento das crianças, fundamentalmente, o Complexo de Édipo. Em *Sobre a Sexualidade Feminina*, Freud (1931) inicia o debate salientando que na fase do Complexo de Édipo a criança se apresenta afetivamente ligada ao genitor do sexo oposto, enquanto na relação com o de mesmo sexo predominam sentimentos hostis. E, sob esta perspectiva, o pai da psicanálise ressalta que não há dificuldade de compreender tal fenômeno no caso do menino, pois a mãe é o primeiro objeto de amor, e continua a sê-lo, e, com uma intensificação dos impulsos amorosos da criança e sua maior compreensão dos vínculos entre o pai e a mãe, o pai se torna seu rival.

Porém, no caso da menina tal caminho não se apresenta tão inteligível, tendo em consideração que o primeiro objeto também foi a mãe, ficando a indagação de “como acha ela o caminho até o pai?” (FREUD, 1931, p. 372). Neste sentido, Freud assevera que o desenvolvimento da sexualidade feminina apresenta a complicação da empreitada do abandono da “zona genital originalmente dominante, o clitóris, por uma nova, a vagina” (FREUD, 1931, p. 372), bem como da mudança do objeto mãe pelo objeto pai, e, que tal mudança é significativa para o desenvolvimento da menina. Assim, no que se refere à dissolução do complexo de Édipo na menina, segundo Freud (1933):

O complexo de Édipo do menino, em que ele deseja a mãe e gostaria de eliminar o pai como rival, desenvolve-se naturalmente da fase de sexualidade fálica. Mas a ameaça de castração o obriga a deixar essa atitude. Sob a impressão do perigo de perder o pênis, o complexo de Édipo é abandonado, reprimido no caso mais normal, radicalmente destruído, e um severo Supereu é colocado como seu herdeiro. O que sucede na menina é quase o contrário. O complexo de castração prepara para o complexo de Édipo, em vez de destruí-lo; através da influência de sua inveja do pênis, a menina é afastada a abandonar a ligação materna, e entra na situação edipiana como num porto seguro. Com a ausência do medo da castração, falta o motivo principal que impeliu o garoto a superar o complexo de Édipo. A menina permanece nele por um tempo indefinido; desmonta-o tarde apenas, e então incompletamente (p. 185-186).

Assim, o Complexo de Édipo no menino e na menina se diferem, permanecendo por mais tempo na menina.

Para Freud (1931), o alcance do complexo de castração para o homem “deixa também certo grau de menosprezo pela mulher, percebida como castrada” (p. 378), e, que são bem distintos os efeitos do mesmo complexo na mulher, que, por sua vez, admite sua castração, se revoltando por uma suposta impressão de superioridade do homem e inferioridade da mulher. Assim, o autor aponta três caminhos possíveis para o desenvolvimento da sexualidade na mulher.

O primeiro dos caminhos, descritos por Freud (1931, p. 378), “leva ao afastamento da sexualidade em geral”, e que estarecida “pela comparação com os meninos, a garota fica insatisfeita com seu clitóris, renuncia a sua atividade fálica e, com isso, à sexualidade mesma” (p. 378). O segundo direcionamento consiste no apego, ou melhor, em uma expectativa de retornar a possuir um pênis (como parecia ser nos primeiros anos da infância), e que no transcorrer do desenvolvimento da personalidade se transformará em um “complexo de masculinidade” na mulher, que “pode resultar em manifesta escolha homossexual do objeto” (p. 378). O terceiro caminho apresenta uma configuração na qual a mulher, tomando o pai enquanto objeto, assume uma configuração feminina, resultado, assim, a dissolução satisfatória “da forma feminina do complexo de Édipo” (p. 372).

Posteriormente, no texto *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*, Freud (1933) sustenta o mesmo ponto de partida para o epílogo da sexualidade na mulher, assim, de acordo com o autor,

a descoberta da própria castração é um ponto de virada no desenvolvimento da garota. Dela partem três direções do desenvolvimento: uma leva a inibição do sexo ou à neurose; a segunda, à mudança de caráter no sentido de um complexo de masculinidade; a terceira, enfim, à feminilidade normal (p. 282).

É levado em consideração aqui que as proposições iniciais de Freud sobre a sexualidade feminina datam de quase um século de distância dos dias atuais, portanto, a escolha do objeto sexual heterossexual, não mais pode ser descrito como um critério de normalidade atualmente (em referência ao parágrafo anterior). Portanto, interpretamos a palavra “normal” citada acima como o sentido de “comum”, e, reiteramos aqui que a expressão da sexualidade “saudável” em rejeição ao termo “normal” diz respeito ao sexo “que atende aspirações de quem dele participa”¹.

Uma das críticas mais contundentes e sóbrias, no que concerne ao reconhecimento da psicanálise enquanto uma disciplina que deixou achados importantes foi tecida por Simone de Beauvoir, em sua célebre obra, *O segundo sexo*. Assim, a autora enfatiza que o avanço que a psicanálise alcançou “na psico-fisiologia foi considerar que nenhum fator intervém na vida psíquica sem ter revestido um sentido humano” (BEAUVOIR, 1949, p. 59). Porém, a autora assevera que “Freud não se preocupou muito com o destino da mulher; é claro que calçou a descrição do destino feminino sobre o masculino, restringindo-se a modificar alguns traços” (p. 60). E, além disso, a autora critica o fato da libido ser referenciada enquanto masculina, porquanto Freud explica o termo como um sinônimo de “atividade”, em contraste com

¹ Fonte: <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=175>

“feminino”, designando passividade, não obstante, levando em consideração que tanto homens e mulheres apresentam tais estruturas em uma teoria pautada na bissexualidade psíquica.

Posteriormente, Beauvoir (1949, p. 62) enuncia: “Ele supõe que a mulher se sente um homem mutilado”. Entretanto, tal conceituação é retomada por Jacques Lacan, e, segundo Diamantino (2010, p. 47), “a partir da sustentação do falo imaginário (significado do poder) que propicia o saber (sempre suposto) e a legitimação do lugar de analista (sempre precária)”, Freud designava em seu texto o sentido do poder ligado à masculinidade da era Vitoriana, e não uma simples enunciação que levaria em consideração as diferenças anatômicas da mulher para com o homem, designando à primeira um lugar de inferioridade.

Uma questão sobre a transitoriedade da vida diz respeito à limitação imposta pelo desgaste do corpo pelo tempo, e à pessoa que chega à velhice não é dado o direito social de exercer em plenitude sua sexualidade. Nesse campo de interdições, ninguém comenta sobre o sexo dos avós. Neste viés, Santos e Carlos (2003, p. 58) salientam que o trajeto do ciclo de vida do ser humano “é um somatório das experiências vividas, dos valores, das metas, da compreensão e das interpretações pessoais que cada um tem do mundo em que vive”. E, no eu se refere à nossa prisão corpórea ou o corpo em si, nossa existência enquanto seres humanos é marcada por determinações hereditárias, sociais e culturais, “como geradores de nossas escolhas e filosofia de vida”.

Segundo Abrahão (2008, p. 59), Freud, em sua trajetória profissional, pouco se voltou para as etapas do ciclo vida, porém, uma vez que desenvolveu “inesgotavelmente ideias sobre os processos inconscientes presentes na vida diária de todo ser humano, independentemente da idade cronológica”. Além disso, a autora aponta em seu trabalho clínico com pessoas idosas que “a vida sexual e afetiva e os desejos mais primitivos” (ABRAHÃO, 2008, p. 63) se mostram atuais nesta fase, e que tal aspecto é algo que deve ser levado em consideração para os profissionais que atuam terapeuticamente com idosos.

De acordo com Santos e Carlos (2003, p. 60), é tido enquanto sexual “toda conduta que, partindo de uma região erógena do corpo (boca, ânus, olhos, voz, pele) e apoiando-se numa fantasia, proporciona algum tipo de prazer”. Assim, os autores salientam ser uma falácia a afirmação de que o idoso não “detém a capacidade de amar ou de ter uma vida sexual” (p. 59), como se tal prerrogativa fosse algo específico dos jovens, e que o resgate ao direito à uma vida sexual do idoso é “poder pensar o amor em suas formas de transformação libidinal, ou seja, outras formas de amor que passam pela ternura, pelos contatos físicos que erogenizam o corpo, como o olhar, o toque, a voz, redescobrimo as primeiras formas de amor do ser humano” (p. 59). Como exposto a seguir,

a relevância do estudo do amor na velhice está nesta perspectiva: de pensar outro enfoque para a vida do velho, não partindo de suas perdas, mas, ao contrário, das possibilidades criativas dadas pelo vivido, pelo sofrido e pelo acumulado nas experiências amorosas e, por isso mesmo, reengendrando a vida em suas infinitas possibilidades, independentemente da proximidade real da morte (SANTOS; CARLOS, 2003, p. 59).

Lopes (1995) aponta que a idade não é um fator determinante para a diminuição da capacidade do prazer sexual. Sabe-se que com o avanço da idade existe uma alteração da resposta sexual, do ponto de vista qualitativo e quantitativo. Entretanto, a sexualidade dos idosos, necessariamente, não piora comparada com a dos jovens, sendo apenas diferente, e o que ocorre, muitas vezes por falta de conhecimento, é que os idosos persistem em manter uma expectativa do padrão sexual da juventude, incompatível com as mudanças fisiológicas normais do envelhecimento.

Assim, os autores ressaltam que a sexualidade dos idosos, quando não reprimida, pode ser vivenciada até o fim da vida. Pois, não há biologicamente nenhum fator que encerre de forma automática a função sexual dos indivíduos. Contudo, a sexualidade é uma forma de expressão pessoal que não tem um momento para começar nem para terminar. A sexualidade não começa na puberdade e não termina na menopausa. Entretanto, a saúde física, é um fator básico que pode afetar o comportamento, e diminuir a resposta sexual dos indivíduos (LOPES, 1995; VASCONCELOS, et al., 2004).

Para Fernandes (2009), embora as mulheres vivam mais tempo do que os homens, elas envelhecem em piores condições sociais e de saúde. São desvantagens acumuladas ao longo da sua existência, e sofridas na sua vida profissional e familiar, que se acentuam à medida que envelhecem. Sabe-se que é comum lares chefiados por mulheres, ou que estas contribuam com a provisão de recursos financeiros para a família, continuando responsáveis pelo trabalho reprodutivo, os afazeres domésticos e os cuidados com os integrantes da família. Assim, são tarefas naturalizadas e entendidas na sociedade como da mulher e realizadas gratuitamente, não havendo uma valorização das atividades como produto da nação, que deriva, provavelmente, do papel inferior à que foi relegada a mulher. A dupla jornada de trabalho e a desvalorização podem acarretar às mulheres dificuldades sociais e de saúde ao longo do envelhecimento (BANDEIRA; MELO; PINHEIRO, 2010).

O envelhecimento feminino deve ser considerado, entre fatores fortemente ligados às questões de gênero, tais como: a história pessoal, o contexto cultural, social, político e econômico, o desenvolvimento tecnológico e científico e outros que poderão interferir no modo de vida das mulheres (FERNANDES, 2009). O autor menciona ainda que as idosas de hoje experienciaram mais intensamente as noções de papéis masculino e feminino, que eram

moldados pela estrutura tradicional patriarcal, em que havia limite entre a esfera pública (sendo domínio masculino) e a privada (domínio feminino), vivenciando uma nítida discrepância relacional, principalmente no que concerne à visão da sexualidade.

Arantes (2010) destaca a importante descoberta da pílula anticoncepcional, que trouxe intensas mudanças nos estilos de vida das mulheres, especificamente na sexualidade, que dissociou prazer de procriação, e, contribuiu para emancipação oriunda da inserção feminina no mercado de trabalho. Outro ponto fundamental é a “possibilidade do prazer sexual para a mulher, pois, ao modificar a relação da sexualidade com a reprodução biológica, despontou a possibilidade de as mulheres diversificarem suas experiências sexuais” (p. 28).

Negreiros (2004) enfatiza que quando o foco é gênero, sexualidade e geração, percebe-se que os modelos antigos estão muito presentes e atuantes. Tanto que o envelhecimento entre homens e mulheres ainda apresenta diferenças incongruentes. Enquanto os homens mais velhos e menos numerosos são valorizados por suas conquistas no plano social e econômico, tendo sua masculinidade associada a qualidades que resistem melhor ao envelhecimento, a mulher mais velha, mesmo tendo ascendido a idênticas condições socioeconômicas, ainda é avaliada por qualidades que são mais precocemente tocadas pelo envelhecimento, tal como a aparência física.

Nesse cenário as diferenças estabelecidas entre os sexos resultaram em desigualdades entre homens e mulheres, colocando as mulheres como sendo vulneráveis à força e razão masculina. Assim, o ser mulher foi identificado principalmente com a dinâmica do amor materno, sendo o amor erótico e a sexualidade reprimidos e articulados ao sentimento de culpa. Frente a essa realidade, os valores dessas mulheres, no geral, foram estabelecidos a partir de suas famílias de origem, com o ideal de casamento e a constituição de suas próprias famílias, consagradas com os filhos (FERNANDES, 2009).

Para Andrade (2016) a mulher idosa ainda é vítima do preconceito, pois são avaliadas pela sociedade de acordo com sua aparência externa e pela sua capacidade reprodutiva. Isto é, os corpos das senhoras são vistos perante a sociedade como improdutivos. E é nessa perspectiva que se levanta a hipótese de que o envelhecimento tem repercussão negativa na vivência da sexualidade da mulher. Entretanto, sabe-se que a sexualidade, independentemente da idade, é uma necessidade humana básica na vida de qualquer pessoa. E a partir dessa compreensão que este estudo se faz importante, buscando assim, a percepção da sexualidade da mulher na velhice.

3 METODOLOGIA

Este estudo refere-se a uma pesquisa pura, de natureza qualitativa, e de objetivo metodológico exploratório. É uma pesquisa bibliográfica com metodologia de Revisão Sistemática que se trata de um sumário de evidências provenientes de estudos primários conduzidos para responder uma questão específica de pesquisa. Se utiliza um processo de revisão de literatura abrangente, imparcial e reprodutível, que localiza, avalia e sintetiza o conjunto de evidências dos estudos científicos para obter uma visão geral e confiável da estimativa do efeito da intervenção. Conceitua-se como um estudo exploratório, por definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo, e não requer a formulação de hipóteses para serem testadas (LAKATOS, 2007).

Quanto a pesquisa bibliográfica, Gil (2008) aponta que esta é desenvolvida utilizando como fundamental material as informações impressas em livros, dissertações de mestrado, monografias, artigos e outros. A abordagem da pesquisa é qualitativa, e, conforme Minayo et al. (1994), tem vasta utilização nas ciências sociais, que se preocupa com um nível de realidade, que envolve crenças e atitudes relacionadas a fenômenos que não podem ser quantificáveis.

O procedimento metodológico de pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2008), é desenvolvido com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, e envolve as seguintes etapas: escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório do assunto; busca das fontes; leitura do material (exploratória, seletiva, analítica, interpretativa); fichamento; organização lógica do assunto; e, por fim, a redação do texto. Os dados foram analisados a partir da elaboração da pergunta de pesquisa, bem como na busca de literatura, seleção dos artigos, extração dos dados, avaliação da qualidade metodológica, síntese dos dados, avaliação da qualidade das evidências e a redação e publicação dos resultados.

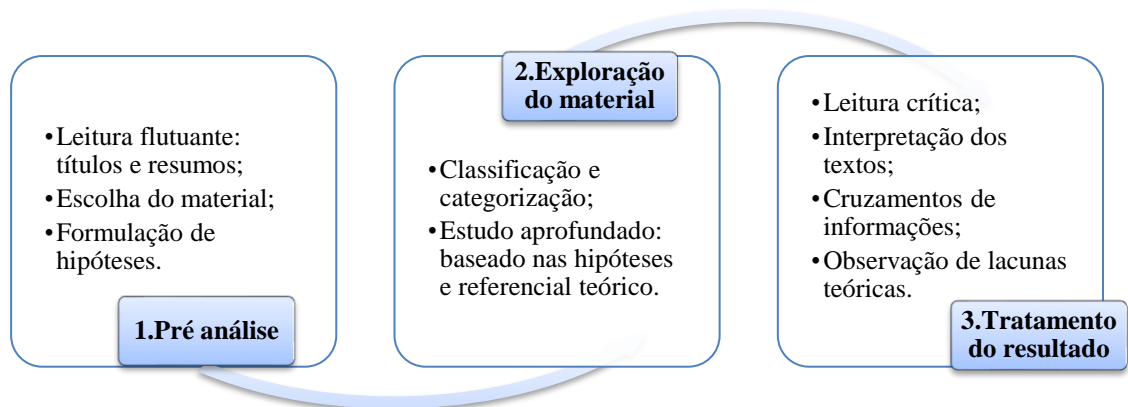
No estudo de Revisão Sistemática, após a busca dos descritores, ocorreu o processo de análise e apresentação de resultados, bem como sua interpretação que envolveu três etapas, sendo assim: a primeira referente a pré análise; a segunda etapa referente a exploração do material; e, por fim, a terceira etapa referente ao tratamento dos resultados com base em inferência e interpretação.

A pré análise (1) se deu em quatro etapas: a) leitura flutuante, a fim de estabelecer um primeiro e rápido contato com os textos selecionados; b) a escolha do material a ser analisado; c) formulação de hipóteses; d) elaboração de indicadores por meio de recortes de textos.

A leitura flutuante se dá com base, primeiramente nos títulos, e em seguida, resumos, a fim de identificar quais se enquadravam na temática. A escolha do material foi caracterizada

por um estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos. O tratamento dos resultados foi destinado à leitura crítica e reflexiva, culminando em interpretações por inferência, com formulação de hipóteses. Em seguida, foi realizado o cruzamento das informações coletadas, observando as convergências e divergências entre os autores, e ainda, a possível ausência de respostas para a questão central de pesquisa. Conforme apresentado no fluxograma abaixo.

Figura 1: Fluxograma das etapas do processo metodológico



Fonte: Própria autora, 2020.

Partindo desse pressuposto, previsto como os critérios para inclusão da pesquisa adotou-se como objeto de estudo as publicações científicas, artigos, dissertações e teses, em corte temporal entre 2014 a 2019, que contivessem em seu conteúdo estudos que expusessem de forma clara sobre a percepção de mulheres idosas quanto a sexualidade na velhice. Foram consideradas publicações completas em revistas, conferências, simpósios, e outros, que estivessem disponíveis nas plataformas SciELO, Portal de Periódicos da CAPES, PePSIC e BVS Psi, em língua portuguesa, com acesso gratuito e disponíveis na íntegra.

Como critérios de exclusão desta pesquisa foram excluídos artigos, dissertações e teses que se encontraram duplicados, incompletos e/ou sem compatibilidade com o tema e por fim foram excluídos deste estudo aqueles que estavam em idioma diferente da língua portuguesa. As palavras-chave utilizadas para a busca dos artigos foram: “sexualidade”, “idosas”, “família”, “envelhecimento” e “sexualidade”, entretanto, para obter resultados na busca das palavras-chave “percepção” e “sexualidade de idosas” foram utilizadas combinações entre palavras-chave e descritores, tornando-as “percepção, sexualidade, idosa”.

Assim, atendendo aos critérios de inclusão, do total 405 estudos encontrados da base dados Portal de Periódicos da CAPES, após a leitura dos títulos e resumos foram excluídos

401, por não haver ligação com o tema. Já dos 260 estudos encontrados na base de dados BVS-Psi, após a leitura dos títulos e resumos foram excluídos 256 estudos. Da base de dados SciELO, dos 61 estudos encontrados, após a leitura dos títulos e resumos foram excluídos 57, e, na base de dados PePSIC dos 06 documentos encontrados, após a leitura dos títulos e resumos todos foram excluídos por não compatibilidade com o tema.

Os artigos selecionados foram dos últimos cinco anos, período entre 2014 a 2019 presentes nas bases de dados Portal de Periódicos CAPES, BVS-Psi, SciELO e PePSI, esses foram registrados e organizados em uma planilha da Microsoft Excel. A consulta às bases foi realizada no período de julho de 2019 a abril de 2020.

Logo depois, foi executada a seleção dos estudos a partir da leitura e avaliação dos títulos e resumos dos artigos, seguindo rigorosamente os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos na metodologia da pesquisa. Ao fazer a leitura do título e do resumo, os artigos que não estavam claros eram consultados na íntegra, para evitar que trabalhos importantes ficassem fora da revisão sistemática. Logo, para leitura na íntegra foram utilizados 12 trabalhos, que serão apresentados a seguir nos resultados.

Para melhor exposição dos resultados desta pesquisa foi desenvolvido um quadro em que se apresentou a referência, o ano, o título dos artigos, a área do conhecimento, a síntese e os seus principais resultados. Sendo assim, é possível visualizar as percepções que mulheres idosas apresentam sobre a sexualidade na velhice.

4 RESULTADOS

A presente pesquisa teve a proposta de analisar publicações científicas que apresentassem discussões sobre a percepção de mulheres idosas sobre a vivência da sexualidade na velhice. Neste ponto estão descritos os resultados das buscas estruturadas e apresentados os artigos selecionados dentro dos critérios de inclusão. Chegou-se a um total geral de 732 trabalhos de acordo com a busca das palavras-chave e das combinações de descritores realizadas nas bases de dados SciELO, Portal de Periódicos da CAPES, PePSIC e BVS-PSI, a partir do que se revela o no quadro 1 a seguir.

Quadro 1. Resultados da quantidade de artigos encontrados após busca por palavras-chave em cada base de dados

Palavras Chaves	CAPES	BVS-Psi	SciELO	PePSIC
sexualidade, idosa, família	29	34	1	0
envelhecimento, sexualidade	318	190	54	6
percepção, sexualidade, idosa	58	36	6	0
Total parcial	405	260	61	6
Total geral		732		

Fonte: Própria autora, 2020.

Na primeira plataforma, SciELO, foram encontrados ao todo sessenta e um (61) trabalhos, sendo filtrados ano e idioma. Portanto, cinquenta e quatro (54) desses trabalhos foram encontrados com a pesquisa das palavras-chave “envelhecimento, sexualidade”, seis (6) trabalhos com as palavras-chaves “percepção, sexualidade, idosa” e um (1) trabalho com as palavras-chave “sexualidade, idosa, família”. Após a leitura dos títulos e resumos, foram selecionados para o presente estudo quatro (4) trabalhos científicos. Os demais trabalhos foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão, como idioma em português, publicados na base supracitada entre o período de 2014 a 2019, ou que não contivessem em seu conteúdo estudos que expusessem de forma clara sobre a percepção de mulheres idosas quanto a sexualidade na velhice, conforme descrito na metodologia deste estudo. O quadro 2 a seguir apresenta o resultado dos trabalhos encontrados com a pesquisas das palavras-chaves.

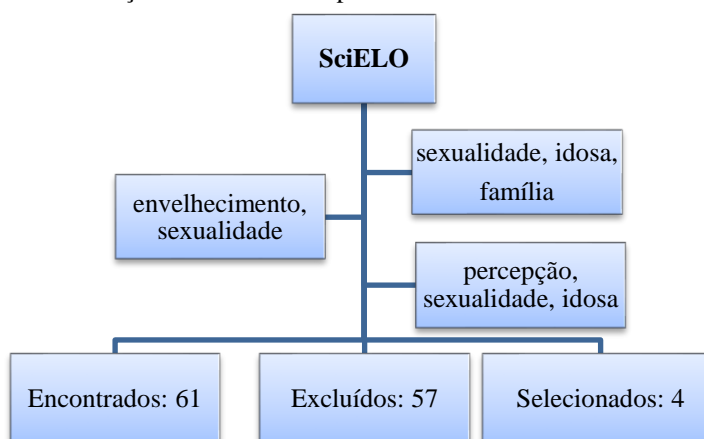
Quadro 2. Resultado da quantidade trabalhos encontrados com a pesquisas das palavras-chaves na plataforma SciELO

Palavras Chaves	SciELO
sexualidade, idosa, família	1
envelhecimento, sexualidade	54
percepção, sexualidade, idosa	6
Total parcial	61

Fonte: Própria autora, 2020.

Na figura 2 a seguir, verifica-se a seleção de trabalhos científicos, citada acima, de modo mais didático à compreensão, considerando o total de trabalhos excluídos e a quantidade que foram selecionados para o estudo.

Figura 2. Resultado da seleção de trabalhos da plataforma SciELO



Fonte: Própria autora, 2020.

Na segunda plataforma, Portal de Periódicos da CAPES, foram encontrados ao todo quatrocentos e cinco (405) publicações científicas. Sendo que trezentos e dezoito (318) dessas publicações foram encontradas com a pesquisa utilizando as combinações das palavras-chave “envelhecimento, sexualidade”, cinquenta e oito (58) publicações com as palavras-chave “percepção, sexualidade, idosa” e vinte e nove (29) publicações com as combinações das palavras-chave “sexualidade, idosa, família”. Após a leitura dos títulos e resumos dos 405 documentos encontrados com uso dos descritores, foram selecionados para o presente estudo quatro (4) trabalhos científicos. Os demais trabalhos foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão, como idioma em português, publicados na base supracitada entre o período de 2014 a 2019, ou que não contivessem em seu conteúdo estudos que expusessem de

forma clara sobre a percepção de mulheres idosas quanto a sexualidade na velhice, conforme descrito na metodologia deste estudo. O quadro 3 a seguir apresenta o resultado dos trabalhos encontrados com a pesquisas das palavras-chaves.

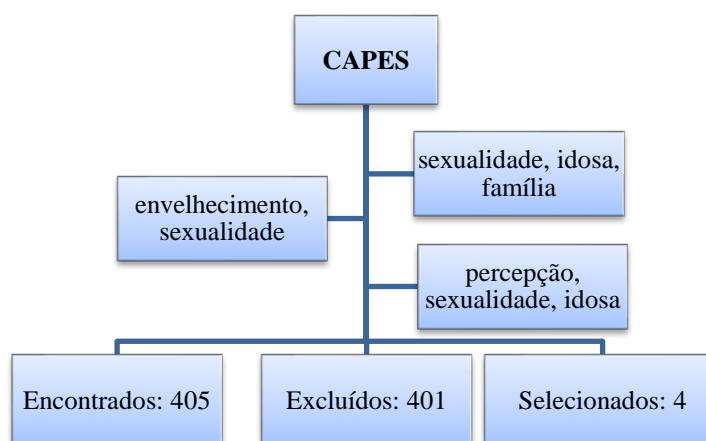
Quadro 3. Resultado da quantidade trabalhos encontrados com a pesquisas das palavras-chaves

Palavras-chave	CAPES
sexualidade, idosa, família	29
envelhecimento, sexualidade	318
percepção, sexualidade, idosa	58
Total parcial	405

Fonte: Própria autora, 2020.

A figura 3 a seguir verifica-se a seleção de trabalhos científicos, citada acima, de modo mais didático à compreensão, considerando o total de trabalhos excluídos e a quantidade que foram selecionados para o estudo.

Figura 3. Resultado da seleção de trabalhos da plataforma CAPES



Fonte: Própria autora, 2020.

Já na terceira plataforma, PePSIC, foram encontrados ao todo seis (06) publicações científicas, com a pesquisa utilizando as combinações das palavras-chave “envelhecimento, sexualidade”. Portanto, as pesquisas utilizando as palavras-chave “percepção, sexualidade, idosa” não encontraram nenhum resultado, assim como com as combinações das palavras-chave “sexualidade, idosa, família”. Após a leitura dos títulos e resumos, todos os trabalhos foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão, como idioma em português,

publicados na base supracitada entre o período de 2014 a 2019, ou que não contivessem em seu conteúdo estudos que expusessem de forma clara sobre a percepção de mulheres idosas quanto a sexualidade na velhice, conforme descrito na metodologia deste estudo. O quadro 4 a seguir apresenta o resultado dos trabalhos encontrados com a pesquisas das palavras-chaves.

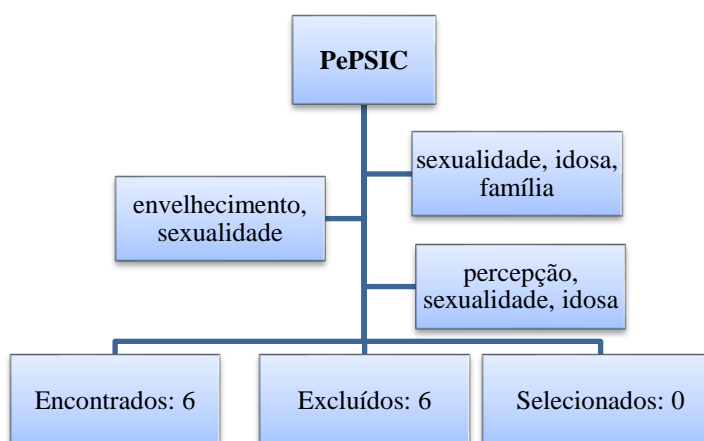
Quadro 4. Resultado da quantidade trabalhos encontrados com a pesquisas das palavras-chaves na plataforma PePSIC

Palavras-chave	PePSIC
sexualidade, idosa, família	0
envelhecimento, sexualidade	6
percepção, sexualidade, idosa	0
Total parcial	6

Fonte: Própria autora, 2020.

A figura 4 a seguir verifica a seleção de trabalhos científicos, citada acima, de modo mais didático à compreensão, considerando o total de trabalhos excluídos e a quantidade que foram selecionados para o estudo.

Figura 4. Resultado da seleção de trabalhos da plataforma PePSIC



Fonte: Própria autora, 2020.

Na última plataforma, BVS-Psi, foram encontrados ao todo duzentos e sessenta (260) publicações científicas. Sendo que cento e noventa (190) dessas publicações foram encontradas com a pesquisa utilizando as combinações das palavras-chave “envelhecimento, sexualidade”, trinta e quatro(34) publicações com as palavras-chave “percepção, sexualidade, idosa” e trinta e seis (36) publicações com as combinações das palavras-chave “sexualidade, idosa, família”.

Após a leitura dos títulos e resumos dos 260 documentos encontrados, foram selecionados para o presente estudo quatro (04) trabalhos científicos. Os demais trabalhos foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão, como idioma em português, publicados na base supracitada entre o período de 2014 a 2019, ou que não contivessem em seu conteúdo estudos que expusessem de forma clara sobre a percepção de mulheres idosas quanto a sexualidade na velhice, conforme descrito na metodologia deste estudo. O quadro 5 a seguir apresenta o resultado de Trabalhos encontrados com as combinações das palavras-chaves.

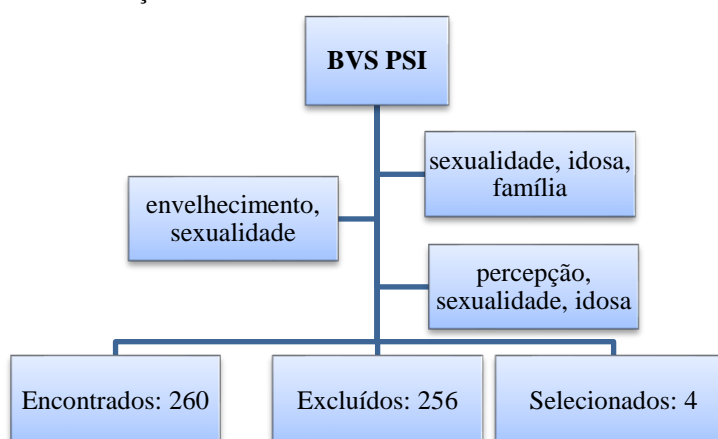
Quadro 05. Resultado da quantidade trabalhos encontrados com a pesquisas das palavras-chaves na plataforma BVS PSI

Palavras-chave	BVS PSI
sexualidade, idosa, família	34
envelhecimento, sexualidade	190
percepção, sexualidade, idosa	36
Total parcial	260

Fonte: Própria autora, 2020

A figura 05 a seguir verifica a seleção de trabalhos científicos, citada acima, de modo mais didático à compreensão, considerando o total de trabalhos excluídos e a quantidade que foram selecionadas para o estudo.

Figura 5. Resultado da seleção de trabalhos da base de dados BVS PSI



Fonte: Própria autora, 2020.

Ao analisar os setecentos e vinte e cinco (725) artigos, apenas doze (12) artigos foram selecionados para este estudo, pois foi verificado que estes atendem os critérios de inclusão e estão dentro da proposta da pesquisa. Como apresenta no quadro 6 a seguir.

Quadro 6: Resultado final da quantidade de artigos selecionados para a discussão da pesquisa de acordo com os critérios de inclusão e exclusão.

Palavras Chaves	CAPES	BVS-Psi	SciELO	PePSIC
sexualidade, idosa, família	0	0	1	0
envelhecimento, sexualidade	4	3	1	0
percepção, sexualidade, idosa	0	1	2	0
Total parcial	4	4	4	0
Total geral	12			

Fonte: Própria autora, 2020.

Após a seleção dos trabalhos, foi realizada a leitura e posterior síntese destacando os principais pontos, e a partir disso, foi construída a discussão contemplando os objetivos do presente estudo. O quadro 07 a seguir apresenta as sínteses dos doze (12) trabalhos selecionados de acordo com título dos artigos, bem como o autor do artigo, o ano de publicação, a plataforma pesquisada, a área do conhecimento e a palavra-chave.

Quadro 7: Sínteses dos artigos selecionados para a discussão do trabalho

Artigo 1. A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa	
Ano de publicação	2016
Base de dados	SciELO
Área de conhecimento	Fisioterapia
Palavra-chave	Sexualidade, idosa, família
Autor	Yasmim da Silva Uchôa, Dayara Carla Amaral da Costa; Ivan Arnaldo Pamplona da Silva Junior; Saulo de Tarso Saldanha Eremita de Silva; Wiviane Maria Torres de Matos Freitas; Soanne Chyara da Silva Soares
Síntese do artigo	A pesquisa objetivou a identificar a percepção dos idosos sobre a sexualidade, assim como identificar questões relacionadas à sexualidade na juventude e nos dias atuais, estratégias de estímulo e fatores de inibição da sexualidade na terceira idade. O estudo alcançou 200 idosos, sendo que 146 eram mulheres idosas, em instituição ambulatorial especializada na assistência à terceira idade em Belém – PA. Para a coleta de dados foi aplicado um questionário com 16 perguntas. Os resultados apontam que percepção dos idosos acerca da sexualidade possui algumas limitações, sobretudo aspectos que estão ligados ao conhecimento do próprio idoso, como não compreender a distinção entre sexo e sexualidade, reduzindo ao

	<p>ato sexual. Uma visão equivocada que vem desde a juventude, até a época presente. Alguns idosos ainda acreditam ser normal a presença de disfunções sexuais na velhice e assumem ter disfunções, entretanto, não recorrem ao profissional de saúde para esclarecimento. A principal fonte de informação relatada pelos idosos foi a televisão. Quanto aos fatores que influenciam na sexualidade, as mulheres idosas destacam o modo de se vestir. Envelhecer não significa tornar-se assexuado, porém preconceitos e tabus socioculturais acerca da sexualidade na velhice, somados com as alterações normais do corpo, opressões familiares e aspectos individuais atrapalham os idosos de viver a sua vida de forma livre.</p>
<p>Artigo 2: Vivências e percepções de sexualidade de portuguesas com mais de 65 anos</p>	
Ano de publicação	2018
Base de dados	SciELO
Área de conhecimento	Psicologia
Palavra-chave	envelhecimento, sexualidade
Autor	Sara Queiroga; Sara Isabel Magalhães; Conceição Nogueira
Síntese do artigo	<p>O estudo objetiva compreender a vivência e as percepções sexuais de mulheres portuguesas idosas. Foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas a 13 mulheres, sendo sete casadas e seis viúvas, com idades entre 66 a 85 anos (todas em relações heterossexuais). E a informação foi analisada através do método da análise temática. Considerando as percepções sobre papel de Gênero, as participantes descreveram as relações conjugais como não igualitárias, como sinônimo de muito cansaço e sofrimento. Dentre as características apresentadas, a mais presente no discurso das mulheres são a violência e a sexualidade ativa, e esse comportamento são descritos por elas como natural do homem, como parte da personalidade do cônjuge e que não pode ser mudado. Sexualmente, as mulheres descreveram-se como calmas, o que traduz a um desinteresse ao ato sexual, resumindo o comportamento sexual as respostas perante ao interesse do cônjuge. Apresentou-se também mulheres que encaram a chegada da velhice como o fim de uma obrigação sexual. Os resultados obtidos permitem concluir, que as mulheres participantes desse estudo, demonstram uma perpetuação de papéis de gênero tradicionais, pautando seus comportamentos sexuais na passividade e na obrigatoriedade.</p>
<p>Artigo 3. A Sexualidade Na Velhice: Representações Sociais De Idosos Frequentadores de Um Grupo de Convivência</p>	
Ano de publicação	2016

Base de dados	SciELO
Área de conhecimento	Psicologia
Palavra-chave	percepção, sexualidade, idosa
Autor	Kay Francis Leal Vieira; Maria da Penha de Lima Coutinho; Evelyn Rúbia de Albuquerque Saraiva
Síntese do artigo	Este estudo objetivou investigar as representações sociais da sexualidade, elaboradas por idosos frequentadores de um grupo de convivência localizado no município de João Pessoa, Paraíba. Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, fundamentada nos aportes teóricos e metodológicos da Teoria das Representações Sociais. Composta por 30 idosos, sendo a maioria do sexo feminino (80%). Foram utilizadas entrevistas abertas. De modo geral, os idosos demonstraram entendimento acerca da sexualidade, entretanto, a maioria dos idosos compreendem a sexualidade como sinônimo de ato sexual, não fazendo distinção de ato sexual e sexualidade. Também foi possível observar nos discursos uma aceitação das práticas sexuais, embora algumas tenham ressaltado a percepção negativa da sociedade quanto a sexualidade na velhice. As representações dos idosos acerca da sexualidade foram permeadas de conhecimentos provenientes do senso comum, interligados com suas experiências de vida.
Artigo 4. A vivência da sexualidade por idosas viúvas e suas percepções quanto à opinião dos familiares a respeito	
Ano de Publicação	2015
Base de dados	SciELO
Área de conhecimento	Enfermagem
Palavra-chave	Percepção, sexualidade, idosa
Autor	Mariana de Souza; Sonia Silva Marcon; Sonia Maria Villela Bueno; Lígia Carreira; Vanessa Denardi Antoniassi Baldissera
Síntese do artigo	O objetivo deste trabalho foi descrever a vivência da sexualidade por mulheres idosas viúvas. A pesquisa foi realizada no Centro de Convivência do Idoso de uma cidade do norte do estado do Paraná. Esse local tem por objetivo desenvolver ações que estimulem o convívio familiar e social da pessoa idosa, visando um processo de envelhecimento ativo e saudável. Participaram da pesquisa 10 mulheres. Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada, individual, por meio de um formulário contendo questões norteadoras centradas nos dados socioeconômicos e na percepção sobre o apoio familiar para o exercício da sexualidade depois da viuvez. Os resultados encontrados revelam que embora as participantes tivessem exposto que a vida sem novo companheiro tenha sido uma opção, percebeu-

	se que essa foi uma condição que foi imputada para elas, como única possibilidade viável, frente o que a sociedade impõe. As famílias dessas mulheres apoiam o convívio, mas não há um estímulo para relacionamentos amorosos. Essa opinião familiar mostrou ser importante para a as idosas.
Artigo 5. Exercício da sexualidade em pessoas idosas e os fatores relacionados	
Ano de publicação	2016
Base de dados	CAPES
Área de conhecimento	Enfermagem
Palavra-chave	envelhecimento, sexualidade
Autor	Danielle Lopes de Alencar; Ana Paula de Oliveira Marques; Márcia Carrera Campos Leal; Júlia de Cássia Miguel Vieira
Síntese do artigo	O objetivo desse trabalho foi analisar os fatores que interferem no exercício da sexualidade de pessoas idosas. Foram investigados aspectos como concepção sobre sexualidade, pensamento acerca do sexo, o que faz quando tem desejo por sexo, atividade sexual e auto erotização. Se tratou de um estudo transversal com uma amostra de 235 idosos inscritos na Universidade Aberta à Terceira Idade - UnATI na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Dos idosos entrevistados 224 eram do sexo feminino (95,3%). Nesse estudo foi possível verificar que a concepção sobre a sexualidade, para a maioria dos idosos, está alicerçada nos moldes da genitalidade, apenas 20,4% dos participantes relataram que a sexualidade envolve mais que a prática sexual. Existe ainda, por parte dos idosos o significado da sexualidade como ato sexual, negando as demais expressões, como erotismo, afetividade e prazer. As idosas entrevistados afirmaram que o sexo era por obrigação, ou somente era realizado para satisfação do companheiro, ou até mesmo não percebia motivos para praticar. Para as maiorias das mulheres entrevistadas, as decepções e mágoas vivenciadas na vida do casal foram descritas também como fatores que interferiram nas práticas sexuais.
Artigo 6. Sexualidade na terceira idade: Compreensão e percepção do idoso, família e sociedade	
Ano de publicação	2014
Base de dados	CAPES
Área de conhecimento	Enfermagem
Palavra-chave	envelhecimento, sexualidade
Autor	Maria Anunciada Souto Santana; Elândia Cristina Luna de Lucena; Katia Maria Medeiros Lima; Francisco Assis Dantas Neto; Maria Sidney da Silva Soares.
Síntese do artigo	

	<p>Compreender as percepções do idoso e da família sobre a sexualidade na terceira idade nos dias atuais. Essa pesquisa se caracteriza como bibliográfica com abordagem qualitativa, a qual foi realizado um levantamento do acervo referente ao tema estudado. Os achados mostram que os adultos que fazem parte do convívio dos idosos, como filhos e netos, atuam como os principais repressores da sexualidade das pessoas mais velhas. O que revela como os idosos estão sujeitos e submissos a opinião de terceiros, quanto a vivência da sua sexualidade. O controle das atividades, e até mesmo dos relacionamentos afetivos estão sob o olhar dos familiares, que geralmente, não valorizam os desejos e sentimentos dos idosos. Muitos idosos ainda são alvos de preconceitos vindos de seus familiares, muitos deles ainda se sentem chocados com a ideia de os idosos sentirem desejos sexuais, namorarem, praticarem sexo e poderem gozar dos prazeres.</p>
<p>Artigo 7. Qualidade de vida e sexualidade na população da terceira idade de um centro de convivência</p>	
Ano de publicação	2017
Base de dados	CAPES
Área de conhecimento	Enfermagem
Palavra-chave	envelhecimento, sexualidade
Autor	Bianca Jacob de Araújo; Charlene de Oliveira Sales; Lúcia de Fátima Santos Cruz; Iel Marciano Moraes Filho; Osmar Pereira dos Santos
Síntese do artigo	<p>O objetivo deste estudo foi verificar o entendimento sobre qualidade de vida e investigar a sexualidade da população da terceira idade em um grupo de idosos em uma cidade de Goiás. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem descritiva. O estudo foi realizado no Centro de Convivência Vila Vida, em Trindade, Goiás. A amostra do estudo foi composta por 126 idosos, entretanto, prevaleceu indivíduos do sexo feminino (57,94%). O levantamento dos dados foi feito por meio de um questionário com 23 (vinte e três) perguntas fechadas, relacionadas à qualidade de vida e sexualidade da população da terceira idade. Foi demonstrado que a maioria dos entrevistados não se interessa pela prática sexual, resultando que não é apenas o sexo que é importante para se sentirem bem, por isso, muitos deixaram o desejo e sentimentos de lado, passando ao desinteresse pelo sexo e valorizando o carinho e a companhia do parceiro. Os idosos são pessoas que precisam de momentos de lazer, de viver emoções e se sentirem ativos, pois, ao contrário, poderiam se sentir incapazes e inúteis.</p>
<p>Artigo 8. Percepções dos idosos sobre a sexualidade em idades avançadas: estudo exploratório</p>	
Ano de publicação	2017

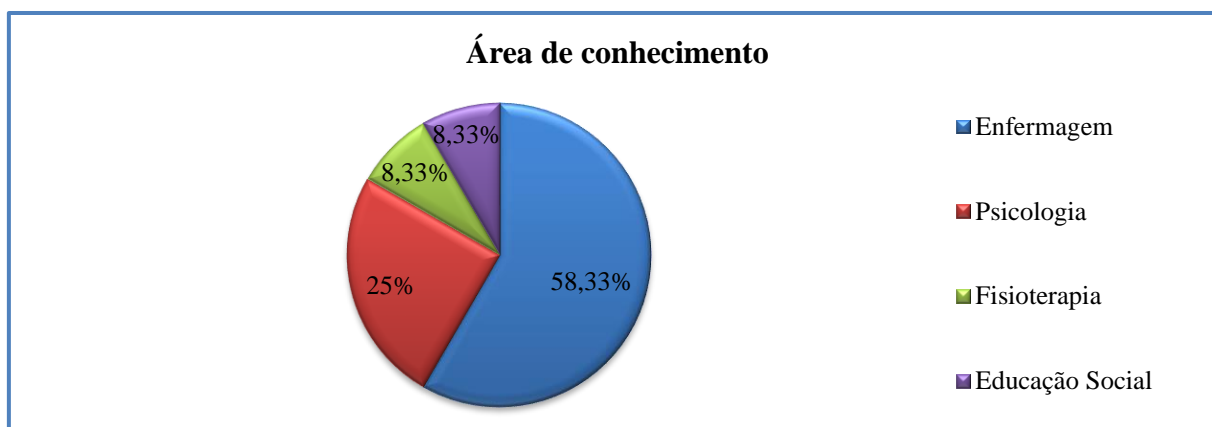
Base de dados	CAPES
Área de conhecimento	Educação Social
Palavra-chave	envelhecimento, sexualidade
Autor	Ana Feliciano; Sónia Galinha
Síntese do artigo	Este estudo tem como objetivo central perceber de que forma os idosos vivenciam e vivenciaram a sua sexualidade, assim como analisar a percepção e a importância que os mesmos atribuem. Esta investigação baseou-se num estudo de caso utilizando a técnica da análise documental, a observação participante e a aplicação de entrevistas semiestruturadas a 8 idosos de ambos os sexos do centro “Cantinho do Idoso”, sendo 5 mulheres e 3 homens. A partir dos resultados constatou-se que a sexualidade para os idosos entrevistados transcende a relação sexual. Considerando as mulheres, foi possível observar que elas entendem sexualidade, como algo além da prática sexual, baseada no afeto e sentimentos, considerando a amizade entre o casal, a relação com respeito e a paixão, como expressões da sexualidade vivenciada no dia a dia. Também consideraram que o cuidado do parceiro, em virtude de alguma doença, é também um aspecto da sexualidade. Predominantemente, o sujeito feminino casado indicou viver a sua sexualidade direcionada para o parceiro, considerando enquanto sexualidade expressões como a carícia, beijo toque.
Artigo 9. Sentidos da sexualidade entre mulheres idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão	
Ano de publicação	2018
Base de dados	BVS PSI
Área de conhecimento	Psicologia
Palavra-chave	envelhecimento, sexualidade
Autor	Estephania de Lima Oliveira; André Luiz Machado das Neves; Iolete Ribeiro da Silva
Síntese do artigo	Este artigo teve o objetivo de compreender os sentidos da sexualidade construídos por mulheres idosas. Realizou-se uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa de caráter descritivo-exploratório. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, em cinco mulheres idosas vinculadas ao grupo “Oficinas de Memória”, que ocorre na Policlínica de Atenção à Melhor Idade, situada na zona centro-sul de Manaus. Observou-se que os sentidos de sexualidade atribuídos por essas mulheres têm o sexo como obrigação e a sexualidade vinculada ao corpo saudável para viver a sexualidade, ao considerar a doença como a culpada. Atribuem, portanto, o sentido de sexualidade a um corpo saudável. Os discursos das mulheres idosas indicam que a lógica patriarcal que concedeu ao homem o poder de

	tornar-se o detentor do corpo feminino. Podem estar pautados em relações socialmente construídas pelos modelos de gênero, implicando diretamente no desejo sexual e em ideologias mecanicistas produzidas pelo sistema capitalista seguindo a ideia de “corpo improdutivo” do idoso. Outro aspecto importante a considerar é que as algumas idosas descrevem que ainda sentem desejo sexual, porém não se permitem vivenciar novas experiências. Para elas é preciso estabelecer vínculos afetivos, companheirismo e amizade, não se limitando a sexualidade ao ato sexual.
Artigo 10. Desvelamento crítico em sexualidade entre idosas como dispositivo de avaliação educativa dialógica.	
Ano de publicação	2019
Base de dados	BVS PSI
Área de conhecimento	Enfermagem
Palavra-chave	envelhecimento, sexualidade
Autor	Daysi Mara Murio Ribeiro Rodrigues; Iara Sescon Nogueira; Ieda Harumi Higarashi; Ivonete Teresinha Schülter Buss Heidemann; Vanessa Denardi Antoniassi Baldissera
Síntese do artigo	Este estudo objetivou a análise das percepções sobre sexualidade e os respectivos desvelamentos críticos apreendidos nos Círculos de Cultura desenvolvidos com mulheres idosas. É uma pesquisa avaliativa, de abordagem qualitativa e construtivista, realizada no município localizado no Noroeste do estado do Paraná, Brasil. O levantamento das situações-limites ocorreu durante a investigação temática, e se deu por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas em domicílio. Inicialmente percebeu-se que as idosas, por desconhecerem a amplitude da sexualidade, a descreviam de forma reducionista e restrita a prática sexual e a uma condição própria aos jovens. As idosas apresentaram dificuldades de verbalização, fosse por ausência de conhecimento ou por vergonha. Foi possível observar, nos discursos, os valores educativos que culminam no controle na normatização da conduta sexual feminina e como elas devem vivenciar esta dimensão em toda a trajetória de vida. As dinâmicas apresentadas no estudo proporcionaram a reflexão das múltiplas dimensões da sexualidade, proporcionando a criticidade das participantes relativa à temática.
Artigo 11. Vivência da sexualidade por mulheres idosas	
Ano de publicação	2017
Base de dados	BVS-Psi
Área de conhecimento	Enfermagem
Palavra-chave	envelhecimento, sexualidade

Autor	Renata Fernandes do Nascimento; Maria José Sanches Marin; Sueli Moreira Piroló; Maria Ribeiro Lacerda
Síntese do artigo	Este estudo tem como objetivo interpretar a vivência da sexualidade pela mulher idosa e construir um modelo teórico explicativo. O método é o estudo qualitativo por meio da Teoria Fundamentada nos Dados. A amostra foi composta por 34 idosas, a coleta de dados foi feita em 2014 e 2015, por meio de entrevistas semiestruturadas na Universidade Aberta à Terceira Idade e União dos Aposentados e Pensionistas de Marília. Com esse estudo foi possível identificar que as idosas relacionam a diminuição da frequência e dos desejos sexuais com as perdas naturais da velhice. Observou-se que o envelhecimento e o adoecimento do companheiro influenciam na sexualidade das idosas, e nota-se que elas desconsideram sua sexualidade, visto que seu companheiro não consegue responder às suas necessidades. Algumas idosas que não possuem companheiro relataram que o envolvimento com um novo parceiro traz dependência financeira ou de cuidados e que, no caso do idoso, há preferência por companheiras mais jovens. O que indica uma percepção negativa da sexualidade na velhice.
Artigo 12. Percepção dos idosos em relação a vida sexual e as infecções sexualmente transmissíveis na terceira idade	
Ano de publicação	2019
Base de dados	BVS-Psi
Área de conhecimento	Enfermagem
Palavra-chave	percepção, sexualidade, idosa
Autor	Laís Carolini Theis; Diandra Leite Gouvêa
Síntese do artigo	O objetivo deste estudo é conhecer a percepção dos idosos em relação à vida sexual na terceira idade e às infecções sexualmente transmissíveis. Trata-se de um estudo qualitativo com abordagem descritiva, realizado em um município da Região do Médio Vale do Itajaí em Santa Catarina. Foram entrevistados dez idosos e destes cinco são mulheres, com idade superior a 60 anos, por meio de uma entrevista aberta. A coleta foi realizada em uma instituição pública, que desenvolve atividades voltadas ao público idoso. O estudo permitiu constatar que os idosos entrevistados mantêm atividade sexual, e confirmar ainda sentir desejo, ainda que o sentido de relacionamento sexual neste grupo não seja necessariamente igual ao de pessoas mais jovens. Os idosos apresentaram ter consciência das transformações ocorridas em seu organismo, em decorrência do envelhecimento, e como estas podem afetar a frequência do ato sexual, mas não a capacidade de sentir prazer.

Segundo os dados apresentados, percebe-se a prevalência da área da Enfermagem em publicações científicas, inteirando um total de 7 artigos (58,33%), logo após a Psicologia com 3 artigos (25%), Fisioterapia com 1 artigo (8,33%), e Educação Social com 1 artigo (8,33%). Conforme apresentado no gráfico abaixo.

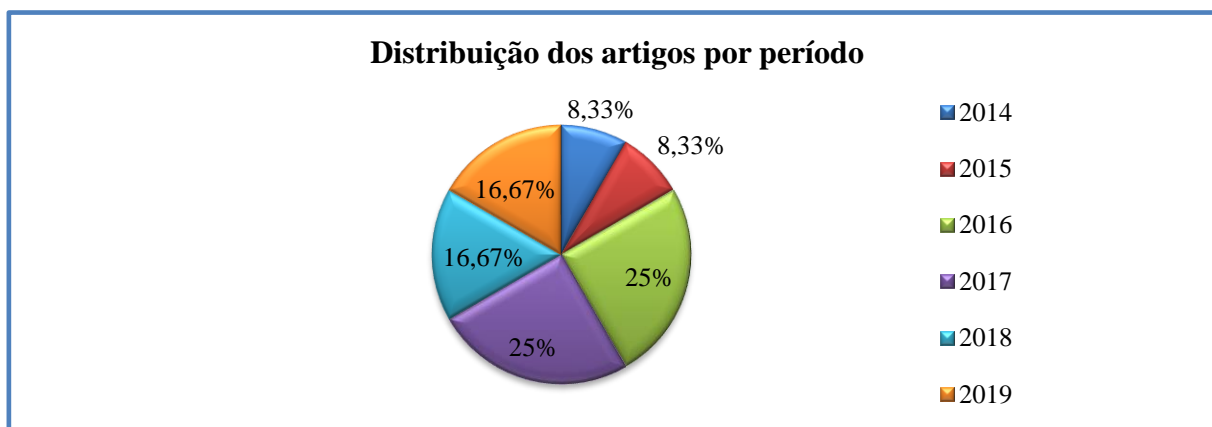
Gráfico 1. Resultado de publicação das áreas de conhecimento



Fonte: Própria autora, 2020.

Ao se analisar os estudos, observou-se que dentro do corte temporal selecionado (2014-2019), o ano de 2016 foi o que teve mais publicações na íntegra sobre o objeto de estudo, com um total de 03 artigos (25%), seguido do ano de 2017 com 03 artigos (25%), de 2019 com 02 artigos (16,67%), de 2018 também com 2 artigos (16,67%), e 1 artigo nos anos de 2015 (8,33%) e ainda 1 artigo nos anos de 2014 (8,33%). Todos os artigos atendiam os critérios de inclusão e exclusão. Conforme, demonstrativo no gráfico 2 a seguir. O gráfico 2 reflete a necessidade de produções científicas a respeito da percepção de idosas acerca da vivencia da sexualidade na velhice.

Gráfico 2- Distribuição dos artigos segundo o período de publicação dos estudos que compuseram a amostra.



Fonte: própria autora, 2020.

5 DISCUSSÃO

Para esta pesquisa, os objetivos estiveram voltados na busca de estudos que pudessem levar à compreensão da percepção de mulheres idosas a respeito da vivência da sexualidade na velhice. Além disso, os objetivos específicos tratam da investigação das concepções construídas por mulheres idosas sobre a vivência da sexualidade ao longo da trajetória de vida, bem como analisar como os processos de construção social influenciam na constituição dessas percepções, por parte das idosas, sobre a sexualidade feminina na velhice.

Existe na cultura brasileira uma ideia errônea, que parte do senso comum, de que a pessoa idosa não tem desejo sexual, ou mesmo que não tem atividade sexual, sendo que tal concepção se apresenta como uma tentativa de negação da sociedade sobre a sexualidade na velhice, como se esta dimensão fosse exclusiva para pessoas mais jovens. Assim, comumente as pessoas consideram estranho e se negam em aceitar que pessoas idosas se relacionem sexualmente, esquecendo que o ato sexual não é a única dimensão da vivência da sexualidade (GRADIM; SOUSA; LOBO et al., 2007). Santos e Carlos (2003) corroboram que seja uma falácia essa concepção social de que o idoso não detém a capacidade de ter uma vida sexual, como se fosse algo específico dos jovens. Logo, é tido como sexual toda conduta que parte de uma região erógena do corpo, que apoiado a uma fantasia, proporciona prazer. O resgate ao direito a vida sexual da pessoa idosa é pensar as várias formas de amor e suas formas de transformação libidinal, ou seja, pela ternura, pelos contatos físicos, como olhar, o toque e a voz.

Nesse mesmo contexto, o autor Lopes (1995) acrescenta que a idade não é um fator que determina a diminuição da capacidade do prazer sexual. Isto é, com o avanço da idade a sexualidade não piora ao se comparar com a dos jovens, sendo apenas diferente, pois existe alterações na resposta sexual que são naturais do envelhecimento. No entanto, pode ocorrer da idosa, por falta de conhecimento, persistir na expectativa de um padrão sexual incompatível com essas mudanças.

Santana et al. (2014) apresenta, no seu estudo bibliográfico que uma das dificuldades que fundamentam o estereótipo de que a velhice é marcada pela perda da sexualidade é a ênfase atribuída pela sociedade para a dimensão sexual, embora o ato sexual faça parte apenas de uma expressão da sexualidade. E essa é uma confusão que também é observada no discurso do próprio idoso (homens e mulheres), ao considerar o ato sexual como correspondente da total dimensão da sexualidade.

E esse fato foi corroborado por Uchôa et al. (2016), pois seu estudo revelou que as pessoas idosas não diferenciam ato sexual e sexualidade, bem como não reconhecem outros

aspectos, reduzindo a sexualidade unicamente à prática sexual e à reprodução. Assim, confirma o estudo de Alencar et al. (2016), feito com 235 idosos entrevistados, sendo 95,3% do sexo feminino, no qual 67,2% dos entrevistados não fazem diferenciação entre sexualidade e ato sexual, isto é, a percepção dos idosos sobre sexualidade está estruturada nos moldes da genitalidade, compreendendo o ato sexual como a única forma de expressão da sexualidade.

O que também foi observado nos estudos de Vieira, Coutinho e Saraiva (2016) e Rodrigues et al. (2019), no qual a sexualidade também foi descrita pelas participante de forma reducionista e restrita à prática sexual, bem como restrita aos jovens, revelando que as idosas entrevistadas desconheciam a amplitude da sexualidade.

Ao considerar os impactos das alterações fisiológicas da velhice, mulheres entrevistadas do estudo de Queiroga, Magalhães e Nogueira (2018) relatam que o avançar da idade e as mudanças corporais próprias do envelhecimento alteram a qualidade da interação sexual na relação conjugal, como uma diminuição tanto da frequência como do desejo sexual. Resultados semelhantes foram encontrados por Vieira, Coutinho e Saraiva (2016), em que foi apontado que com o envelhecimento há uma diminuição das práticas sexuais, devido as alterações fisiológicas que impactam na intimidade das idosas.

Os autores Nascimento et al. (2017) afirma que as idosas relacionam as mudanças e perdas naturais que ocorrem nessa fase da vida com a diminuição da frequência sexual e do desejo. Isto é, há mudanças fisiológicas, psicológicas e sociais que somadas com as experiências de vida podem influenciar a maneira pela qual a idosa vivencia sua sexualidade.

Nos estudos de Nascimento et al. (2017) e Queiroga, Magalhães e Nogueira (2018) foram observados que, considerando as alterações que vêm com a idade, algumas participantes relataram uma resposta de adaptação da dimensão da intimidade perante às novas condições corporais, no entanto as mulheres que centram suas respostas sexuais na satisfação do conjuge, descreveram uma cessação total de atividades sexuais, pois quando o parceiro não mais apresenta potência sexual, a prática sexual do casal se finaliza sem explorar outras possibilidades.

Vale ressaltar que as mulheres que hoje são idosas cresceram em uma época caracterizada por preconceitos morais e proibições, contexto em que qualquer expressão da sexualidade, na infância ou adolescência, eram severamente punidas. E se tratando do Brasil, a cultura transmitida pela população mais antiga ainda se apresenta na sociedade. Esta é marcada por preconceitos perante as pessoas mais velhas, bem como pelo próprio idoso, sobretudo, quando o tema é sexualidade. Tal questão provoca seus efeitos e influência a compreensão e a

manifestação da sexualidade no modo de vida das idosas (FRUGOLI; JUNIOR, 2011; SANTANA, 2014).

Soibet (2011) ressalta que essa construção social de informações restritivas e punitivas vivenciada pela mulher idosa, as impôs o desconhecimento do próprio corpo e a repressão de sua sexualidade e, a partir disto, a relação que a mulher cultivou com seu corpo, ao longo do tempo, foi baseada no sentimento de culpa e vergonha. Foi analisado no estudo de Vieira, Coutinho e Saraiva (2016), principalmente no que se refere ao discurso das mulheres, que além da falta de orientação adequada sobre a sexualidade na juventude, há reflexos de uma educação repressora recebida no passado, que ainda faz sentir seus efeitos na vida dessas idosas, o que as impedem de usufruírem plenamente de sua sexualidade nesse momento da vida.

Fernandes (2009), ressalta que as idosas de hoje, vivenciaram uma feminilidade marcada pelas desigualdades sociais, obediência e conformidade. O autor menciona ainda que essas mulheres experienciaram mais intensamente as noções de papéis masculino e feminino, que eram moldados pela estrutura tradicional patriarcal, em que havia limite entre a esfera pública e a privada, vivenciando uma nítida discrepância relacional, principalmente no que concerne à sexualidade.

O que foi confirmado no estudo de Queiroga, Magalhães e Nogueira (2018), no qual a percepção da mulher sobre os papéis femininos se centrou na postura decente e de submissão ao companheiro, bem como suas crenças e desejos objetivaram a satisfação do cônjuge, na preocupação contínua em manter a harmonia entre o casal e a família. As entrevistadas descreveram-se como mais calmas em nível sexual, o que manifesta uma declaração de falta de interesse e desejo sexual, resumindo o comportamento sexual à satisfação das necessidades no cônjuge.

Esses discursos citados acima revelam marcas das relações de gênero e a lógica patriarcal em que a mulher ocupava uma posição de submissão e de subordinação na sociedade, mediante o discurso de fragilidade e inferioridade ao homem, sendo que, a este último era concedido o poder de ser o detentor do corpo feminino. A partir dos estudos de gênero que se confirmou a desigualdade de gênero existente, a partir do que as mulheres são consideradas como socialmente oprimidas dado o sistema patriarcal que ainda se faz presente na sociedade (OLIVEIRA; NEVES; SILVA, 2018).

Negreiros (2004) enfatiza que os “modelos antigos” estão muito presentes e atuantes. Tanto que o envelhecimento entre homens e mulheres ainda apresenta diferenças incongruentes. Enquanto os homens mais velhos são valorizados por suas conquistas no plano social e econômico, tendo sua masculinidade associada a qualidades que resistem melhor ao

envelhecimento, a mulher mais velha, mesmo tendo ascendido nas condições socioeconômicas, ainda é avaliada pela aparência física.

No estudo de Uchôa et al. (2016) foi possível observar que as pessoas idosas entrevistadas não se sentiam preparadas no início de sua vida sexual, em virtude da não existência de diálogo sobre o assunto na família, principalmente com os pais, sendo que, as informações que buscavam para elucidação de suas dúvidas, foram encontradas a partir do diálogo com amigos da mesma faixa etária e que também vivenciaram experiências análogas. Diante disso, pode-se considerar que a percepção das pessoas idosas acerca da sexualidade apresenta algumas limitações, o que está diretamente relacionado com a falta de informação do próprio idoso (tanto homens quanto mulheres), que não recebeu orientações na juventude, e hoje mantém uma visão restrita sobre o assunto baseada no senso comum.

No estudo de Araújo (2017), a dificuldade de falar sobre sexo é manifestada pela maioria das pessoas idosas entrevistadas, tanto que 73,81% dos entrevistados disseram que falar sobre sexo não é algo fácil, entretanto, apenas 26,19% responderam que falar sobre o assunto não é tarefa difícil. Isso demonstra a existência de preconceito do próprio idoso, ligada ao fato das pessoas idosas acreditarem que a juventude é a fase em que é permitida a vivência da sexualidade.

Segundo Santana et al. (2014), a família tem um papel preponderante, revelado no seu estudo bibliográfico, no qual os resultados apontam que as pessoas idosas criam uma relação de dependência para com a família, ocorrendo principalmente, quando eles residem na mesma casa. Assim, o controle das atividades e até mesmo das escolhas de relacionamentos ficam sob o olhar da família, subjungando os sentimentos e os desejos dos idosos. Nesse mesmo estudo foi possível constatar que as opiniões e crenças de filhos e netos que convivem com as idosas, são os principais fatores que atuam como repressores e limitadores da sexualidade das idosas. Isso ocorre tanto com homens e mulheres idosos que tentam iniciar um relacionamento, quanto com os casais idosos que tem sua privacidade invadida, o que dificulta a liberdade de expressão de seus sentimentos e afetos (SATANA et al., 2014).

A maioria das idosas dos dias de hoje tiveram suas vidas limitadas aos cuidados do lar e à dedicação ao casamento como sua única fonte de segurança econômica. Quando ocorre a morte do cônjuge essas mulheres passam a viver com os familiares, transferindo a dependência do marido para os filhos e netos, que acabam por manter as imposições sociais e reforçar essa dependência (SOUZA et al., 2015). Neste contexto Gatto (2002), acrescenta que a mulher idosa que se dedicou ao longo da vida apenas às tarefas domésticas, a manutenção da família e do casamento, acabam sendo mulheres particularmente mais vulneráveis, cuja identidade foi

construída a partir dos papéis que desempenhavam como mãe e esposa, se tornando mais suscetível a relações de dependência dos filhos.

No estudo de Souza et al. (2015) as mulheres entrevistadas alegam que seus familiares oferecem apoio a relação social, as atividades de lazer e de distração, porém não há um incentivo e encorajamento para relacionamentos amorosos. A família é influenciada pelos preconceitos sociais, refletindo as convenções sociais e negando o direito das idosas de vivenciarem novos relacionamentos no campo amoroso.

Ainda no que tange aos fatores limitadores da vivência da sexualidade, o estudo de Uchôa et al. (2016) indicou que a maioria das pessoas idosas negaram a existência de barreiras, no entanto, alguns participantes destacaram como fatores impeditivos: a família, religião e a própria falta de conhecimento sobre a dimensão da sexualidade. Segundo Alencar et al. (2016), para as idosas, desilusões e mágoas vivenciadas na vida conjugal também foram descritas como fatores que interferiram nas práticas sexuais com seus companheiros, tornando o ato sexual uma obrigação ou uma prática para satisfação do outro. Um resultado semelhante foi revelado no estudo de Oliveira, Neves e Silva (2018) que permitiu avaliar a qualidade das experiências sexuais dessas mulheres, com base nos sentidos expressados por elas, que sinalizam a compreensão da existência de uma história marcada pela obrigação de fazer sexo e não para obtenção de prazer.

Souza et al. (2015) revelou em seu estudo com mulheres idosas viúvas, frequentadoras de um Centro de Convivência do Idoso, que a preocupação por julgamentos da sociedade levou as mulheres a adotarem e manterem uma postura social mais discreta, e como consequência não buscaram novos companheiros, levando uma vida solitária, condição essa que se colocou como única possibilidade viável frente as imposições sociais. Essa opressão social é evidente, principalmente, ao observar o quanto a beleza da juventude é enaltecida socialmente, o que nutre a ideia de que mulheres mais velhas não tem atrativos e que perderam a posição de desejo. Assim, as idosas passam a negar a sua sexualidade, acreditando não poderem se expressar livremente como as mais jovens, sustentando as imposições sociais (SOUZA et al., 2015).

Neste viés, é evidente que os estereótipos sociais, e a pressão que estes exercem, podem influenciar para que as mulheres não possam manifestar livremente sua sexualidade. Seja pelo contundente negativismo social, no que diz respeito ao sexo na velhice, seja no reflexo de uma simples atitude de rejeição pelo fato de ser idosa, com isso introjetam esse estereótipo negativo de que a pessoa idosa é um ser assexuado (OLIVEIRA; NEVES; SILVA, 2018).

O autor Gatto (2002) ainda conclui que a maneira como a sociedade compreende a velhice e suas repercussões, sobretudo no que tange a sexualidade, influencia no modo como a

pessoa idosa se percebe, bem na interiorização do envelhecimento como período negativo. Assim, essa interiorização negativa sentida pelo idoso se torna um obstáculo para a qualidade de vida e, conseqüentemente, a vivência da sexualidade de vida.

Diante dos resultados expostos é possível evidenciar que alguns idosos ainda apresentam atividade sexual e expressam sua sexualidade de várias maneiras, até mesmo como gestos de carinho com seus parceiros, porém, com a frequência sexual diminuída e em alguns casos inexistentes por fatores externos. Também foi possível observar uma naturalização da sexualidade por algumas idosas, isto é, entendida como algo necessário e que está presente na vida, independentemente da idade, ressaltando que é possível uma vida sexual ativa na velhice. Assim, a sexualidade, enquanto uma necessidade fisiológica, permanece por toda a vida, revelando a necessidade de contato com o outro, no sentido de suprir uma carência inerente ao ser humano, independentemente da idade (VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016; NASCIMENTO, 2017; THEIS; GOUVÊA, 2019).

Assim, os autores ressaltam que a sexualidade das pessoas idosas, quando não impedida, pode ser vivenciada até o fim da vida. Contudo, a sexualidade é uma forma de expressão pessoal que não tem um momento para começar nem para terminar. A sexualidade não necessariamente, começa na puberdade e não termina na menopausa. Entretanto, a saúde física, é um fator importante que pode afetar o comportamento, e diminuir a resposta sexual dos indivíduos (LOPES, 1995; VASCONCELOS, et al., 2004).

Vale ressaltar que a sexualidade é um aspecto relevante na saúde em geral, e se relaciona a sensações de bem-estar físico e emocional, com reflexos positivos na melhoria da qualidade de vida das pessoas, incluindo-se as idosas, e deste modo, o tema necessita de discussões que promovam esclarecimentos sobre o assunto, principalmente entre as idosas (RODRIGUES et al., 2019).

No estudo de Rodrigues et al. (2019) foi utilizado a abordagem dialética e emancipatória, estimulando o pensamento crítico e reflexivo, através de discussões compartilhadas em grupo, com associação de conhecimento teórico com as experiências vividas das idosas. As idosas ao compartilharem suas experiências de vida, e refletirem em conjunto, por meio do diálogo, com momentos educativos, tornaram-se conscientes das suas próprias vivências sexuais e das demais, permitindo assim, reconhecer a percepção biológica, psicológica e social da sexualidade e compreender suas diferenças, bem como as diferentes formas de prazer possíveis em qualquer fase da vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do conceito de sexualidade, que é entendida como uma dimensão essencial ao ser humano, que sua manifestação pode ocorrer em qualquer fase da vida, e ser expressa de várias maneiras, e que não se restringe apenas ao ato sexual, foi possível reconhecer a importância de se discutir a temática da sexualidade na velhice, principalmente, para as mulheres idosas, por se tratar de uma questão importante da sociedade.

Nessa pesquisa foi evidenciado que as idosas possuem consciência das alterações fisiológicas ocorridas em seu organismo, bem como das mudanças advindas do envelhecimento do corpo, como sendo próprias dessa fase da vida em que estão vivendo e relacionam tais mudanças com a diminuição da prática sexual e do desejo a essas transformações ocorridas ao longo do tempo.

Foi possível identificar que percepções construídas pelas idosas sobre a sexualidade sofrem várias influências, como opiniões de familiares, da sociedade em que vivem e principalmente, com o próprio conhecimento que foi adquirido ao longo do tempo sobre o assunto, ou seja, não é apenas questões fisiológicas que interferem na sexualidade das mulheres idosas, as questões construídas socialmente também são salientadas.

Outro aspecto que merece destaque e que ficou explícito nos resultados encontrados é a educação, na maioria dos casos repressora, que essas idosas receberam ao longo da vida e se mantém na velhice. Com isso, a percepção das idosas acerca da sexualidade se mantém limitada e restrita, baseada no senso comum, que está diretamente relacionada com a falta de informação sobre o assunto na juventude, que se estendeu à velhice.

Deve-se destacar também as relações de gênero, e a lógica patriarcal fica evidente, na qual essas idosas centraram suas atitudes na submissão e na satisfação do companheiro, deixando de lado suas vontades pessoais, ao manter uma vida marcada pela obrigação de fazer sexo e não por desejo e para sua satisfação.

Ficou evidente como o contundente negativismo social, no que diz respeito ao sexo na velhice, concerne a preconceitos sociais que também podem influenciar como essas mulheres vivenciam sua sexualidade. Assim, os mitos e preconceitos sobre o envelhecimento e a sexualidade se constituem enquanto um dos desafios que as idosas enfrentam, e que as impedem de manifestar-se livremente e de viver plenamente sua sexualidade.

De maneira geral, os resultados demonstraram que o entendimento acerca da sexualidade, bem como da percepção da vivência da sexualidade para idosas, foram permeados de conhecimentos oriundos do senso comum, ligados com suas experiências de vida.

A sexualidade de idosas é uma temática ainda carente de pesquisas, em vista que a maioria dos estudos se detém a pesquisas com os idosos de modo geral. Assim, estudos capazes de alcançar os aspectos subjetivos das vivências sexuais de mulheres na velhice são de suma importância, pois possibilitam a compreensão dos sentimentos e emoções existentes na vida cotidiana das idosas, que acabam por esclarecer como elas percebem a vivência desse momento da vida.

Com esse estudo espera-se promover reflexões no que diz respeito à sexualidade das idosas, auxiliando nas mudanças de pensamentos e de atitudes da sociedade, desmistificando mitos e tabus, e conseqüentemente, contribuindo para diminuição do preconceito. Cabe acrescentar a necessidade de novos estudos voltados à sexualidade da mulher idosa, especificamente, pesquisas de campo _ com foco nas percepções construídas pelas idosas sobre essa dimensão tão importante que é a sexualidade. Com isso, sugere-se que os profissionais de saúde, bem como os acadêmicos desta mesma área, promovam aprofundamentos de produção científica, bem como, proporcionar espaço para discutir essa temática entre as idosas, para proporcionar conhecimento e empoderamento dessas mulheres.

E por fim, vale ressaltar também a necessidade de discutir de forma cada vez mais natural sobre sexualidade com as crianças e jovens de hoje, pois a educação sexual pode contribuir para que as crianças e os adolescentes se tornem mais conscientes e responsáveis ao terem conhecimento sobre seus corpos e os direitos sexuais. Assim, pode-se evitar verificarmos essas mesmas dificuldades aqui relatadas quando forem idosas.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Emily de Souza. O desvelar da velhice: as contribuições da psicanálise na busca de sentidos para a experiência do envelhecer. **Revista da SPAGESP**, v. 9, n. 1, p. 45-51, 2008.
- ALENCAR, Danielle Lopes de et al. Exercício da sexualidade em pessoas idosas e os fatores relacionados. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, n. 5, p. 861-869, 2016
- ALENCAR, Danielle Lopes de et al. Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 19, p. 3533-3542, 2014.
- ALMEIDA, Lucimêre Alves; PATRIOTA, Lucia Maria. Sexualidade na terceira idade: um estudo com idosas usuárias do Programa Saúde da Família do Bairro das Cidades–Campina Grande/PB. **Qualitas Revista Eletrônica**, v. 8, n. 1, 2009.
- ANDRADE, Susana Maria Costa. Sexualidade Na Terceira Idade. Teresina-Pi, 2016.
- ARANTES, Fernanda Inêz Siqueira. A mulher desdobrável: a articulação entre as esferas pública e privada. **Programa de Pós Graduação de Psicologia**, Belo Horizonte, 2010.
- ARAÚJO, Bianca Jacob de et al. Qualidade de vida e sexualidade na população da terceira idade de um centro de convivência. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, v. 6, n. 2, p. 85-94, 2017.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica**, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005.
- ARCOVERDE, Marcos Augusto Moraes. A Percepção da sexualidade do corpo idoso. 88 f. **Dissertação de Mestrado em Enfermagem**, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.
- BANDEIRA, Lourdes.; MELO, H. P.; PINHEIRO, L. S. Mulheres em dados: o que informa a PNAD/IBGE, 2008. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, v. 1, n. 1, p. 107-119, 2010.
- BEE, Helen. O ciclo vital. **Artes Médicas**, 1997.
- BIASUS, Felipe. Reflexões sobre o envelhecimento humano: aspectos psicológicos e relacionamento familiar, Perspectiva, **Erechim**. 2016.
- BICALHO, M. A. C.; CINTRA, M. T. G. Modificações fisiológicas sistêmicas no envelhecimento In: _____ (Org.). Neuropsicologia do Envelhecimento: uma abordagem multidimensional. Porto Alegre: **Artmed**, p.43-63, 2013.
- Brasil., Estatuto do idoso. Brasília, DF: **Ministério da Saúde**, 2003.
- Brasil., Manual de atenção à mulher no climatério/menopausa. **Ministério da Saúde**. Brasília (DF), 2008.

BRASIL., Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa, **Cadernos de Atenção Básica – n° 19**. Brasília DF, 2007.

CASTRO. Mary Garcia. ABRAMOVAY. Miriam. Gênero e meio ambiente. 2ª ed. rev. E ampl.- São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO: UNICEF, 2005.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. **História das mulheres no Brasil**, v. 9, p. 223-240, 1997.

DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

DIAMANTINO, Rui. Maia. De que falo, se é que (é) falo: o significante do poder nas instituições de formação psicanalítica. **Cógito**, v. 11, p. 47-51, 2010.

FAVARATO, M. E. C. S.; ALDRIGHI, J. M. A mulher coronariopata no climatério após a menopausa: implicações na qualidade de vida. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 47, n. 4, p. 339-45, 2001.

FEBRASGO - **Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**. Manual de Orientação – Climatério. São Paulo (SP): Ponto, 2004.

FECHINE, Basílio Rommel Almeida; TROMPIERI, Nicolino. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. **InterSciencePlace**, v. 1, n. 20, 2012.

FELICIANO, Ana; GALINHA, Sônia Maria Gomes Alexandre. Percepções dos idosos sobre a sexualidade em idades avançadas—estudo exploratório. **Revista da UIIPS**, v. 5, n. 3, p. 160-169, 2017.

FERNANDES, Maria. das Graças. Melo. Problematizando o corpo e a sexualidade de mulheres idosas: o olhar de gênero e geração. **Rev. enferm. UERJ**, 2009.

FERREIRA, Vanessa Nolasco et al. Menopausa: marco biopsicossocial do envelhecimento feminino. **Psicologia e Sociedade**, 2013.

FREITAS, Elizabete Viana de., PY, Ligia., CANÇADO, Flávio. Aluizio. Xavier., DOLL, Johannes., GORZONI, Milton. Luiz. Tratado de geriatria e gerontologia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

FREUD, Sigmund. **Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise**. Editora Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Sobre a Sexualidade Feminina. **Editora Companhia das Letras**, 2011.

FRUGOLI, Angélica; JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira Magalhães. A sexualidade na terceira idade na percepção de um grupo de idosas e indicações para a educação sexual. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 15, n. 1, 2011.

GARBIN, Cléa Aldas Saliba et al. O envelhecimento na perspectiva do cuidador de idosos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 2941-2948, 2010.

GATTO, Izilda de Barros. Aspectos Psicológicos do Envelhecimento. In: NETTO, M. P. (Org.). Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: **Altheneu**, p. 109-122, 2002.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. **Editora Atlas**, SA, 2008.

GRADIM, Clícia Valim Côrtes; SOUSA, Ana Maria Magalhães; LOBO, Juliana Magalhães. A prática sexual e o envelhecimento. **Cogitare enfermagem**, v. 12, n. 2, p. 204-213, 2007.

GROSSI, M. Identidade e gênero. IN: Dantas, C. C. Seminário de relações de gênero. 2004.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2011). **Sinopse do Censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; os Direitos Humanos. Rio grande do Sul: 2011.

JANNUZZI, Paulo. de Martino. A nova estrutura demográfica no mercado consumidor nacional. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 1, p. 38-45, 1995.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: **Atlas**, 2007.

LIMA, Gabriela Gusmão de; BATISTA, Maria Manoela da Gloria; MAGALHÃES, Evaristo. ASPECTOS BIOPSISSOCIAIS DA MEIA IDADE DESENCADEADOS PELA MENOPAUSA. O Portal dos Psicólogos, 2016.

LIMA, Ângela Maria Machado de; SILVA, Henrique Salmazo; GALHARDONI, Ricardo. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. **Interfaces-Comunicação, Saúde, Educação**, v.12, n.27, p.795-807, 2008.

LOPES, Aline Luciane. A mulher e a construção da cidadania na perspectiva dos direitos humanos. **Argumenta Journal Law**, v. 15, n. 15, p. 223-237, 2011.

Lopes, D Maia.; V. Valdow (orgs.). Gênero e saúde. Artes Médicas, Porto Alegre, 1995.

LOPES, Eliane Marta T. Perspectivas históricas em educação. 3 ed. São Paulo: Ática, 1995.

NASCIMENTO, Renata Fernandes et al. Vivência da sexualidade por mulheres idosas. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 25, p. 20892, 2017.

NASRI, Fabio. O envelhecimento populacional no Brasil. **Einstein**, v. 6, n. Supl 1, p. S4-S6, 2008.

NEGREIROS, T. C. G. M. Sexualidade e gênero no envelhecimento. **Alceu**, v. 5, n. 9, p. 77-86, 2004.

NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida. **E por falar em boa velhice**. Papirus, 2003.

NERI, Anita. Liberalesso. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento In: MALLOY-DINIZ, L. F.; FUENTES, D.; COSENZA, R. M. (Org.). Neuropsicologia do Envelhecimento: uma abordagem multidimensional. Porto Alegre: **Artmed**, p. 17-42, 2013.

NERI, Anita. Liberalesso. Velhice e qualidade de vida na mulher. Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: **Papirus**, 2001.

OLIVEIRA, Estephania de Lima; NEVES, André Luiz Machado das; SILVA, Iolete Ribeiro da. Sentidos de sexualidade entre mulheres idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Organização Pan-Americana da Saúde-OPAS, Brasília, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Investigações sobre a menopausa em anos noventa. **Ginebra**, Serie de Informes Técnicos, Nº 866, 1996.

PALMA, Ana Claudia Galharo; SANTOS SÁ, Maria Auxiliadora Ávila dos. A construção do feminino e as mudanças na sociedade moderna, **REVISTA CIÊNCIAS HUMANAS – UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ (UNITAU) – BRASIL – VOL. 4, N. 1**, 2011.

PALMA, Ana Claudia Galharo; SANTOS SÁ, Maria Auxiliadora Ávila dos. A construção do feminino e as mudanças na sociedade moderna. **Revista Ciências Humanas**, v. 4, n. 1, 2011.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. Desenvolvimento humano. D. Bueno, Trad., 7ª ed.). Porto Alegre: **Artes Médicas**, Sul, 2000.

PAPALIA, Diane. E.; FELDMAN, Ruth. Dustin. Desenvolvimento humano. **Artmed Editora**, 2013.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: História das Mulheres no Brasileiras, 7 ed., **Editora Contexto**, São Paulo, 2004.

PINSKI, Jaime. PEDRO, Carla Bassanezi (orgs). História da cidadania. São Paulo: Contexto, 2003.

PORTINHO, José Alexandre. Correlação de fatores sociodemográficos e sintomas. Dissertação de mestrado, **Instituto de Ginecologia da Universidade Federal**, Rio de Janeiro. 1994.

PRIORE, Mary Del. História das Mulheres no Brasil. 7 e. **Editora Contexto**, São Paulo, 2004.

QUEIROGA, Sara; MAGALHÃES, Sara Isabel; NOGUEIRA, Conceição. Vivências e percepções de sexualidade de portuguesas com mais de 65 anos. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 3, 2018.

QUEIROZ, Z.P.V.; NETTO, M. P. Envelhecimento bem-sucedido: aspectos biológicos, psicológicos, socioculturais. Importância da sociabilidade e da Educação. In: Papaléo Neto, Matheus. Tratado de Gerontologia, 2. ed., **Editora Atheneu**, São Paulo, 2007.

- RAMOS, Luiz Roberto; VERAS, Renato P.; KALACHE, Alexandre. Envelhecimento populacional: uma realidade brasileira. **Revista de Saúde Pública**, v. 21, p. 211-224, 1987.
- RIBEIRO, A. Sexualidade na terceira idade. In: NETTO, M. P. (Org.). Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: **Alheneu**, p. 124-135, 2002.
- ROCHA, Cíntia et al. Como mulheres viúvas de terceira idade encaram a perda do companheiro. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 2, n. 2, 2005.
- RODRIGUES, C. L.; DUARTE, Y. A. de O.; LEBRÃO, M. L. Gênero, Sexualidade e envelhecimento. Saúde Coletiva, **Editora Bolina**, Brasil, v. 30, n. 6, p. 109-112, 2009.
- RODRIGUES, Daysi Mara Murio Ribeiro et al. Desvelamento crítico em sexualidade entre idosas como dispositivo de avaliação educativa dialógica. **Rev. baiana enferm**, p. e27754-e27754, 2019.
- RODRIGUES, Lizete de Souza, SOARES, Geraldo Antônio. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. **Revista Ágora**, n. 4, 2006.
- SAFFIOTI, H. Gênero, Patriarcado e Violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.
- SANTANA, Maria Anunciada Souto et al. Sexualidade na terceira idade: compreensão e percepção do idoso, família e sociedade. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 12, n. 1, p. 317-326, 2014.
- SANTOS, Sueli Souza dos; CARLOS, Sergio Antonio. Sexualidade e amor na velhice. **Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre: **Sulina**, v. 5, 2003.
- SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia, Campinas**, v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008.
- SCHULTZ, Duane P., SCHULTZ, Sydney Ellen. Erik Erikson: Teoria da Personalidade. In Teorias das Personalidades. **Cengage Learnig**, ed 2, p.187, 2014.
- SHEPHARD. R.J. Envelhecimento, atividade física e saúde. São Paulo: Phorte, 2003.
- SOIBET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In História das Mulheres no Brasil, 7 ed., **Editora Contexto**, São Paulo, 2004.
- SOUZA, Mariana de et al. A vivência da sexualidade por idosas viúvas e suas percepções quanto à opinião dos familiares a respeito. **Saúde e Sociedade**, v. 24, p. 936-944, 2015.
- THEIS, Laís Carolini; GOUVÊA, Diandra Leite. Percepção dos Idosos em Relação a Vida Sexual e as Infecções Sexualmente Transmissíveis na Terceira Idade. **Rev. bras. ciênc. saúde**, p. 197-204, 2019.
- UCHÔA, Yasmim da Silva et al. A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, n. 6, p. 939-949, 2016.

VASCONCELLOS, Doris et al. A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas-comparação transcultural. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 9, n. 3, p. 413-419, 2004.

VERAS, Renato. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, n. 3, p. 548-554, 2009.

VIEIRA, Eliane Brandão. Manual de gerontologia: um guia teórico-prático para profissionais, cuidadores e familiares. 2ª ed. Rio de Janeiro: **Revinter**, 2004.

VIEIRA, Kay Francis Leal; DE LIMA COUTINHO, Maria da Penha; SARAIVA, Evelyn de Albuquerque Rúbia. A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 36, n. 1, p. 196-209, 2016.

ZIMERMAN, Guite. I. Velhice: Aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2000.